

2023 // 2^a edição

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

1º SEMINÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL

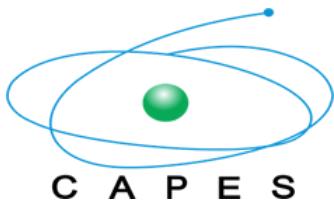
Dia 6 e 7 de dezembro
18h30 às 21h30
Apresentações/Arguições

Dia 8 de dezembro
19h30 às 21h
Seminário

PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras

 UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA

 C A P E S

EXPEDIENTE

Caderno de resumos do SEDA
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
Periodicidade: semestral

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 - Campus Universitário –
Caixa Postal 10.011 86057-970, Londrina, PR

Seminário de Dissertações e Teses em Andamento

2.ª edição de 2023

Volume 2, n. 2

Universidade Estadual de Londrina | Centro de Letras e Ciências Humanas |
6 a 8 de dezembro de 2023.

REALIZAÇÃO:

Universidade Estadual de Londrina
Programa de Pós-Graduação em Letras

COORDENAÇÃO:

Laysa L. S. Beretta
Miguel Heitor Braga Vieira
Maria Carolina Godoy

COMISSÃO:

Amanda Maria Damasio Teixeira
Ana Laura Lemes Monte
Ana Carla da Silva Lima
Anderson Rios
Antônio Martins da Silva
Bruno Alexandre Matsushita
Caio Jose Fonteque Gaspa
Érika Alves Manhães Slonski

Felipe Frasson Fusco
Fernanda Aparecida de Freitas
Julia Dauria Antuniassi
Juliana Bello
Lucélia Canassa
Maiara Caroline Gasparotto
Maria Isadora
Natália de Sá
Priscila A. Borges Ferreira
Kawane Isabely Pereira

E-mail: sedaletras@gmail.com

Sumário

03

Apresentação

04

Cronograma de Arguições/Apresentações

09

Caderno de Resumos

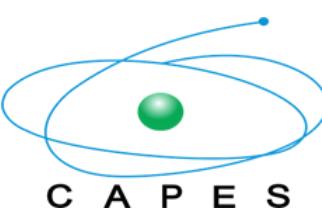
PPGL

Programa de

Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



Apresentação

O SEDA - Seminário de Dissertações e Teses em Andamento - é uma atividade do Programa de Pós-Graduação em Letras regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrandos(as) e doutorandos(as) exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outros(as) alunos(as) possam conhecer os trabalhos de seus(suas) colegas. O formato é o de apresentação de resultados parciais da pesquisa pelo(a) mestrando(a) ou pelo(a) doutorando(a), acompanhado(a) de seu(sua) orientador(a). Esta exposição é articulada com comentários críticos efetuados normalmente por outro(a) docente do PPGL, que atua como debatedor(a). É atividade obrigatória para discentes matriculados(as) em Colóquio de Pesquisa, observado o fato de que alunos(as) de mestrado em primeiro semestre de matrícula participam do SEDA como ouvintes, sem apresentar trabalhos. A participação dos(as) demais mestrandos(as) e doutorandos(as) do PPGL, como ouvintes, é importante e bem-vinda. A participação dos(as) bolsistas é obrigatória na execução e no acompanhamento do evento.

O SEDA 2023/2 será presencial e ocorrerá no anfiteatro do CCH, no período noturno.

Desejamos um excelente evento a todos/as!

Comissão organizadora.



PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras

Cronograma de arguições

QUARTA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO/ 18H30

18h35-18h55

Aluno (a): Bruno Alexandre Matsushita (D)
Orientador (a): Alamir Aquino Corrêa
Arguidor (a): Regina Célia dos Santos Alves

19h00-19h20

Aluno (a): Rhuan Felipe S. da Silva (D)
Orientador (a): Alamir Aquino Corrêa
Arguidor (a): Regina Célia dos Santos Alves

19h25-19h45

Aluno (a): James Rios de O. Santos (D)
Orientador (a): Regina Célia dos Santos Alves
Arguidor (a): Alamir Aquino Corrêa

19h50-20h10

INTERVALO

20h15-20h35

Aluno (a): Ana Paula S. Gongora Bortolotto (D)
Orientador (a): Regina Célia dos Santos Alves
Arguidor (a): Alamir Aquino Corrêa



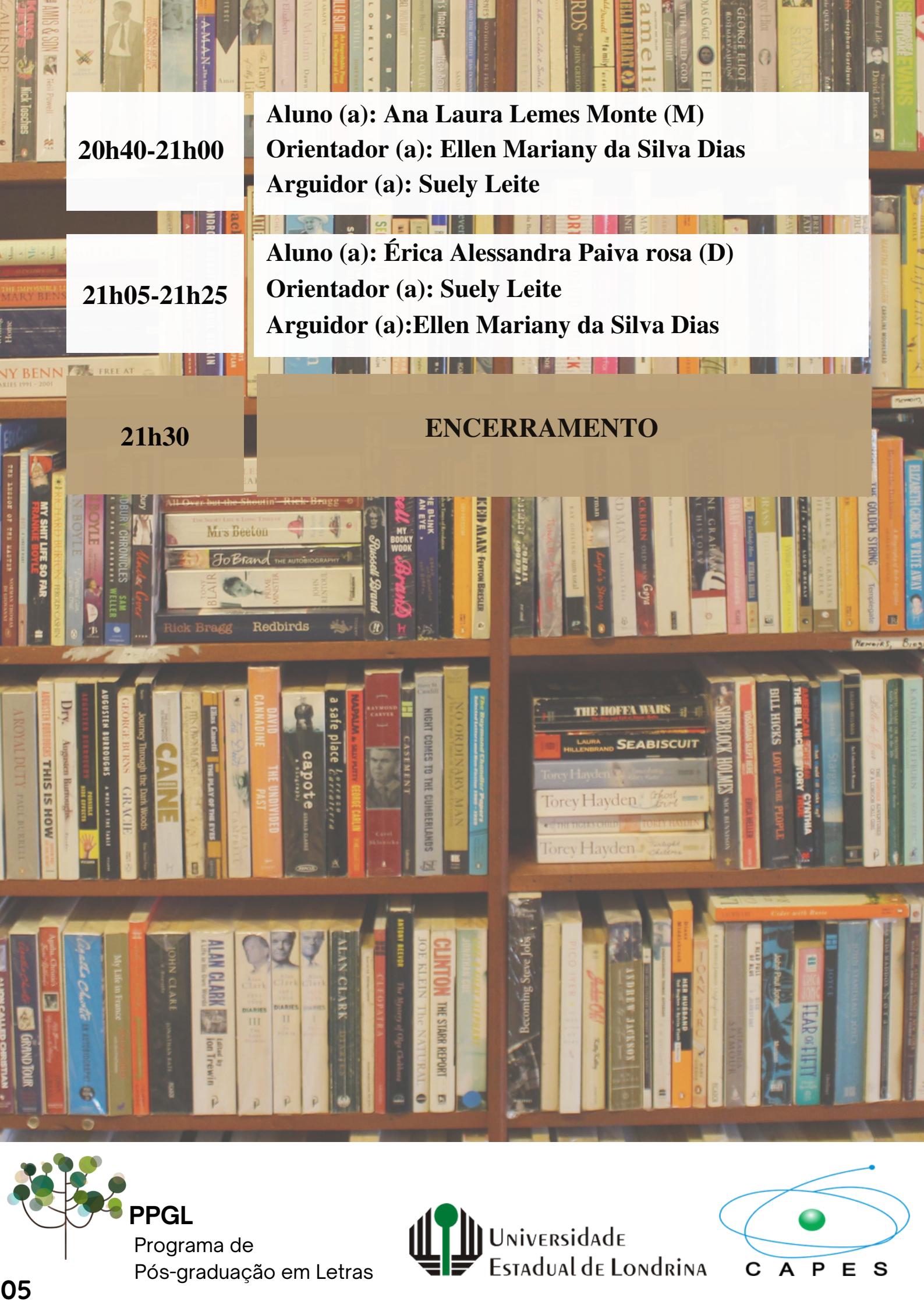
PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA





20h40-21h00

Aluno (a): Ana Laura Lemes Monte (M)
Orientador (a): Ellen Mariany da Silva Dias
Arguidor (a): Suely Leite

21h05-21h25

Aluno (a): Érica Alessandra Paiva rosa (D)
Orientador (a): Suely Leite
Arguidor (a): Ellen Mariany da Silva Dias

21h30

ENCERRAMENTO

Cronograma de arguições

QUINTA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO / 18H30

18h35-18h55

Aluno (a): Raí Garcia Mihi Barbalho Viana (M)
Orientador (a): Maria Carolina de Godoy
Arguidor (a): Gisele Gemmi

19h00-19h20

Aluno (a): Kaedmon Sellberg Soares (D)
Orientador (a): Frederico Augusto Garcia Fernandes
Arguidor (a): Gisele Gemmi

19h25-19h45

Aluno (a): Amanda Maria Damasio Teixeira (D)
Orientador (a): Frederico Augusto Garcia Fernandes
Arguidor (a): Laysa Beretta

19h50-20h10

INTERVALO

20h15-20h35

Aluno (a): Felipe Ziliotto Recaman (M)
Orientador (a): Luiz Carlos Santos Simon
Arguidor (a): Frederico Augusto Garcia Fernandes



PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA





20h40-21h00

Aluno (a): Horácio Vich Toledo Ramos (M)
Orientador (a): Luiz Carlos Santos Simon
Arguidor (a): Miguel Heitor Braga Vieira

21h05-21h25

Aluno (a): Maria Luiza Navarro Martins (M)
Orientador (a): Miguel Heitor Braga Vieira
Arguidor (a): Luiz Carlos Santos Simon

21h30

ENCERRAMENTO

PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRIÑA



APRESENTAÇÃO 1º SEMINÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO

do Programa de Pós-Graduação em
Letras da UEL

SEXTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO / 19H

19h às 21h

Profª Drª. Suely Leite
Profª Drª. Cláudia Ferreira
Doutoranda Juliana Bello (Capes)

PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

SEDA 2023.2

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

CADERNO DE RESUMOS

2.ª EDIÇÃO - 2023

PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CONSTRUÇÃO DA ICONIZAÇÃO MÍSTICO-RELIGIOSA DE CLARICE LISPECTOR: O NEOPAGANISMO EM *TODOS OS CONTOS*

Bruno Alexandre Matsushita (doutorando)

Alamir Aquino Correa (orientador)

7º semestre - Previsão de defesa: 01/2024

Clarice Lispector é uma das escritoras mais conhecidas da literatura brasileira contemporânea, e seus textos frequentemente assumem características místicas e interpretações metafísicas. Desde o início de minhas pesquisas sobre os escritos de Clarice Lispector, percebi elementos relacionados ao Neopaganismo e às artes mágicas. Minha pesquisa evoluiu com orientações e tópicos levantados nas participações anteriores no SEDA. Nesta última apresentação como doutorando, exponho o viés definitivo de minha pesquisa sobre a construção mística e mística de Clarice Lispector, incluindo elementos neopagãos em seus contos publicados, divididos em cinco capítulos: Introdução; Clarice Lispector: A bruxa e a construção de uma persona; Fundamentos Teóricos Sobre o Neopaganismo; O Espaço Religioso Neopagão em Clarice Lispector, e; Aspectos do Divino Neopagão em *Todos os Contos*, de Clarice Lispector. No capítulo introdutório, abordarei a autoficção, o espaço do divino e a relação entre teologia e literatura dentro da obra clariceana. O segundo capítulo explorará a construção da imagem de bruxa e associada a Clarice Lispector, enquanto o terceiro será teórico, discorrendo sobre os movimentos Paganismo, Neopaganismo, Bruxaria e Wicca. O quarto capítulo analisará instâncias narrativas de tempo e espaço nas obras clariceanas sob uma perspectiva neopagã. O quinto e último capítulo oferecerá reflexões teóricas e análises literárias sobre elementos neopagãos em seus contos, como rituais, percepção da morte e visões sobre o divino. Clarice Lispector sempre foi uma figura controversa e enigmática para críticos da literatura brasileira e até amigos pessoais da escritora. Considerada por muitos um “monstro sagrado” da literatura, Clarice Lispector teve sua imagem mitificada. Embora as primeiras críticas literárias não a coloquem como um mito, essa aura de mistério sobre sua pessoa foi sendo construída progressivamente. Há indícios dessa “mitificação” logo nos ensaios sobre seu primeiro livro publicado, *Perto do Coração Selvagem*, nos anos de 1940, classificando-a como hermética e difícil. Dos aspectos que contribuíram para sua mitificação, além, obviamente, de sua literatura por vezes hermética, acreditamos que, de forma sumária, as contradições envolvendo sua vida pessoal (como naturalidade, data de nascimento, seu “sotaque estrangeiro” e até mesmo seu comportamento excêntrico perante jornalistas e amigos mais próximos) alimentaram o desejo de saber mais sobre a autora por trás da obra e, consequentemente, a sua mitificação. Clarice Lispector muitas vezes tentou desmistificar-se em entrevistas. Em suas posturas contraditórias em relação a essa aura criada sobre sua pessoa, ela ora procurava se desvincular dessa aura mística, ora aceitava quando ironizava e até brincava com tais associações. Sobre sua associação com a Bruxaria, Clarice Lispector nunca afirmou que era uma bruxa, embora fosse extremamente supersticiosa. Entre 14 e 17 de agosto de 1974, Clarice participou do *IV Congreso de la Narrativa Hispanoamericana*, na Universidad del Valle, em Cali (na Colômbia), no evento, a autora conheceu o crítico Marco Túlio Aguilera Garramuño, que escreve uma carta destinada à Clarice em 31 de junho de 1975, dizendo que a conheceu em Cali e diz “*i know you, little witch*”. Provavelmente, foi por ter participado desse congresso em Cali que Clarice recebeu um convite para participar do I Congresso de Bruxaria, em Bogotá (também na Colômbia), que aconteceu entre 24 e 28 de agosto de 1975 (embora tenha sido convidada por Simon González e Pedro Gomez Valderrama). Em entrevista ao MIS-RJ, em 20 de outubro de 1976, Clarice disse que o convite talvez tenha surgido por conta dessa participação, já que um crítico disse que ela “usava as palavras não como uma escritora, mas como bruxaria. Daí, talvez, o convite a

participar” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 534). Na mesma entrevista, ela afirma que não se sentiu bem durante o congresso: “Inclusive, eu estranhei o clima da Colômbia, de Bogotá. Tinha dor de cabeça e, um dia, me tranquei no quarto. Eu fiquei sozinha! Não atendia ao telefone, só chamava [por] comida e bebida. De tão enjoada que eu tava achando tudo. Eu enjoou facilmente das coisas” (GOTLIB, 2013, p. 535). Após o congresso, Clarice Lispector passou a ser relacionada mais ainda à bruxaria, tendo conferido até uma entrevista à revista *Veja* para esclarecer algumas inverdades que estavam sendo ditas sobre ela e sua participação no referido congresso. Em fevereiro de 1969, ela é entrevistada por Leo Gilson Ribeiro para o *Jornal da Tarde* e, no final da entrevista, a autora parece querer desmistificar-se: “Sabe, uma das coisas que mais me incomodam é o fato de as pessoas acharem que sou um mito. Isso prejudica muito a aproximação de pessoas que poderiam preencher o vazio da minha vida” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 560). Clarice Lispector cita um exemplo de um pintor que a telefona há vários meses, sempre no mesmo horário, para conversar, mas nunca se conhecem pessoalmente, porque segundo ele, ela seria uma “esfinge, que precisa ser adorada à distância”. Ainda citando a fala da escritora, para Leo Gilson Ribeiro, “muitas pessoas acham, mas não sou nenhum bicho-papão. Mas pareço condenada a viver sozinha – dormir cedo, ir ao cinema sem ninguém a meu lado. É o preço da fama” (GOTLIB, 2013, p. 560). Talvez, para Clarice Lispector, o “preço da fama” era uma vida solitária, mas a autora, mesmo com convites dos poucos amigos que tinha, se esquivava talvez propositalmente de companhia. Segundo a biógrafa Nádia Battella Gotlib, Clarice “[...] ao isolar-se voluntariamente, cercava-se de uma aura de mistério, permanecendo intocável e favorecendo, quem sabe, certas mitificações: belíssima, sobretudo na mocidade; em qualquer época, sedutoramente atraente; antissocial, esquisita, complicada, difícil, mística, bruxa...” (GOTLIB, 2013, p. 22). Em junho de 1974, Clarice Lispector concedeu uma entrevista aos jornalistas de *O Pasquim* (Jaguar, Sérgio Augusto, Ivan Lessa e Ziraldo e duas escritoras convidadas: Olga Savary e Nélida Piñon) sobre sua popularidade. Ziraldo, em dado momento, observa: “Você pode não querer a mitificação, mas eu acho que você tem uma aura de mistério. O que é bom. Clarice Lispector a gente não sabe de onde vem nem aonde vai. Você tem uma aparência, um jeito, misterioso. Isso tudo ajuda a mi(s)tificação” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 553-554). “Eu não gosto de entrevista... [pausa] Parece que me mitificaram. Eu sou uma mulher simples. Não tenho nada de sofisticação. As entrevistas que eu dou são para explicar que não sou um mito. Sou uma pessoa como outra qualquer” (GOTLIB, 2013, p. 561). A aura de mistério era tão grande em torno de Clarice Lispector que acreditavam que ela escrevia num estado alterado de consciência, em transe. Em suas posturas contraditórias em relação a essa aura criada sobre sua pessoa, ela ora procurava se desvincular dessa aura mística, ora aceitava quando ironizava e até brincava com tais associações. A pesquisa destaca a relação entre Clarice Lispector e o Neopaganismo, considerando-o como um movimento contemporâneo que resgata tradições pré-cristãs, sendo evidente na análise de elementos intratextuais em seus escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e literatura**: Afinidades e segredos compartilhados. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: Era modernista. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice**: Uma vida que se conta. 7. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GREER, John Michael. **Grimório oculto**: Uma jornada mágica da alquimia à wicca. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MONTEIRO, Teresa. **O Rio de Clarice**: Passeio afetivo pela cidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **À procura da própria coisa**: Uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PRIETO, Claudiney. **Wicca**: A religião da deusa. 54. ed. São Paulo: Alfabeto, 2020.

RUSSEL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

**A LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL:
SURGIMENTO, CRESCIMENTO E QUEDA DURANTE O SÉCULO XX**

Rhuan Felipe Scomação da Silva (Doutorado)

Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

7º semestre - Previsão de defesa: jun./2024

Este projeto de tese começou com a proposta de estudar a atuação, relevância e repercussão do realismo mágico sul-americano durante as ditaduras dos governos militares do Brasil e do Chile, utilizando as narrativas *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, e *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende. O objetivo inicial era compreender como essas narrativas serviram como exemplos jornalísticos e históricos durante um dos períodos mais violentos do Brasil e do Chile, denunciando, por meio da literatura, os horrores desses governos. Além disso, a proposta visava fazer um levantamento do realismo mágico como um mecanismo de denúncia dos regimes militares, transformando esse gênero em um testemunho histórico que não era relatado pela mídia hegemônica devido às censuras. O projeto inicial sofreu modificações substanciais ao longo de sua execução. Enquanto manteve certa ênfase na análise do papel do fantástico durante o período ditatorial, o escopo foi restrito ao contexto brasileiro. A abordagem evoluiu para incorporar não apenas o testemunho histórico e o caráter jornalístico presentes em diversas obras do fantástico nacional, mas também contemplou elementos adicionais, como a história crítica de nosso fantástico, elementos referenciais, trabalhos editoriais e o estudo da arte das capas de alguns textos. Essa expansão visa proporcionar uma compreensão mais abrangente do impacto do fantástico na construção das realidades brasileiras ao longo do século XX. O trabalho foi separado em quatro capítulos, em que discorro sobre a construção, a expansão e a queda de nosso fantástico durante o século XX. Para fazer esse levantamento, escolhi separar o trabalho em dois grandes núcleos: o primeiro constrói um amplo e indispensável embasamento, cobrindo três dos quatro capítulos; enquanto o último, de tamanho semelhante aos três anteriores, traz análises e levantamentos das obras de nosso fantástico. Essa divisão visa fornecer uma compreensão abrangente e aprofundada da evolução desse gênero literário em solo brasileiro ao longo do período em questão. Explanarei brevemente cada um desses capítulos para uma melhor percepção do todo. No primeiro capítulo, intitulado “Revisão do arcabouço teórico”, inicio com as teorias fundamentais provenientes da Europa e dos Estados Unidos, abordando pensadores como Tzvetan Todorov, Charles Nodier, Guy de Maupassant, Howard Phillips Lovecraft, Louis Vax, Vladimir Propp, Remo Ceserani e Irene Bessière. Em seguida, exploro as contribuições dos teóricos latino-americanos, incluindo Carlos Fuentes, Emir Rodriguez Monegal, Manuel Pedro González, Maria Luisa Cresta de Leguizamón, Mary Erdal Jordan, Susana Reisz de Rivarola, Jaime Alazraki e David Roas. Encerro essa análise com uma ênfase nos teóricos brasileiros, começando pelos que publicaram nos suplementos literários dos jornais na segunda metade do século XX, destacando figuras como Almeida Fischer e Nelly Novaes Coelho. Avançando para as correntes teóricas contemporâneas, abordo os trabalhos de Lenira Marques Covizzi, Ana Luiza Silva Camarani, Roberto de Souza Causo, Karin Volobuef, Irlemar Chiampi e Júlio França. Todo esse trabalho de levantamento teórico serve, primariamente, como um preparo para entender o impacto e a função, não só estética como também histórica, das transformações do fantástico em nossa realidade. No segundo capítulo, intitulado “A literatura fantástica brasileira”, empreendo um levantamento abrangente das obras que surgiram desde meados do século XIX até o final do século XX, apresentando exemplos representativos. Destaco os principais temas, mecanismos e raízes desse gênero na construção da nossa identidade fantástica. Ao longo desse capítulo, organizado em quatro núcleos distintos (século XIX; textos pré-ditadura militar; textos publicados durante o regime

militar e textos pós-queda da ditadura), ressalto a importância de uma literatura fantástica inaugural, ainda fortemente influenciada pelos textos do gótico e da ficção científica europeia e estadunidense. Exploro o deslumbramento e a descoberta dos diversos Brasis pelos escritores nacionais, culminando em nossas publicações em termos de quantidade e importância durante a segunda metade do século XX. A partir desse crescimento de publicação, encontrei sete tópicos que contribuem para compreender a formação, o desenvolvimento e a disseminação do fantástico no Brasil, são eles: a oralidade e as lendas; a influências das narrativas dos povos originários; os ambientes rurais e a memória; a regionalização; a urbanização; a ditadura militar e a censura; e a literatura infantojuvenil. O terceiro capítulo propõe uma investigação plural, centrada em três abordagens fundamentais. Primeiramente, abordarei a influência literária internacional, que desempenhou um papel crucial na moldagem das obras dos escritores do fantástico brasileiro, examinando as fontes literárias e os movimentos estrangeiros que serviram como referências e inspirações para esses autores. Em seguida, procedo a um levantamento dos principais gêneros literários utilizados pelos escritores do fantástico brasileiro. Esse exame detalhado das técnicas e dispositivos literários empregados proporcionará uma compreensão mais profunda das diversas formas pelas quais o fantástico é manifestado na literatura brasileira. Por fim, me concentro na identificação e análise dos escritores do fantástico brasileiro. Começo pelos nomes mais proeminentes, incluindo figuras renomadas como José J. Veiga, Murilo Rubião e Moacyr Scliar. Em seguida, exploro a chamada "geração ditadura", composta por diversos escritores que produziram durante o período de regime militar no Brasil. Por fim, investigo a geração de escritores que emergiu após a década de 1990, examinando como essa nova safra de autores contribuiu para a evolução do fantástico brasileiro e como suas obras refletem as transformações culturais e sociais mais recentes no país. No quarto e último capítulo, concentro-me no ponto central desta pesquisa. Nele, desenvolvo uma análise historiográfica e estética do que representou o fantástico brasileiro ao longo do século XX. Esse processo envolve uma investigação detalhada das obras do gênero produzidas e publicadas no Brasil, bem como uma análise da pesquisa científica sobre o tema e outras perspectivas que serão discutidas mais adiante. Para atingir esse objetivo, dividi o capítulo em, até aqui, quatro partes. A primeira apresenta um gráfico contendo todas as primeiras edições dos livros que se inserem em algum aspecto do gênero fantástico. Até o momento, foram identificados 150 textos. Através dessa compilação, estou desenvolvendo uma análise do impacto dessas obras no cenário literário brasileiro, bem como avaliando sua importância em cada período de publicação. Num segundo momento, abordo a relevância dos suplementos literários de Minas Gerais e São Paulo ao longo da segunda metade do século XX. Em uma tabela adicional, elenco todos os textos desses suplementos que apresentaram o fantástico aos leitores brasileiros, seja por meio de análises, resenhas ou entrevistas com escritores do gênero. Na terceira parte, abordo os textos de natureza acadêmica e científica, identificando artigos, dissertações e teses publicadas no Brasil que abordam algum aspecto do insólito nacional. Desenvolvi, igualmente, uma tabela de apoio, visando facilitar a consulta para futuros pesquisadores que se debruçarão sobre o gênero. Na quarta parte, abordo a pesquisa imagética das capas dessas primeiras edições e uma análise acerca de algumas delas a fim de perceber as influências e os objetivos das artes das capas, assim como um olhar para alguns dos paratextos dessas edições. Para tanto, realizei uma busca das imagens das capas e construí uma pasta na nuvem com seus títulos, ano de publicação e escritor. Nessa fase final, ainda pretendo abordar a literatura *pulp* nacional, mas essa abordagem ainda está em fase de projeto. A partir desses levantamentos e das percepções levantadas até aqui, acredito que essa pesquisa tem sido muito rica na percepção de como o nosso fantástico aprendeu a lidar com os problemas locais de forma célebre, compreendendo as mutações e ajudando gerações de leitores a perceber as nuances da realidade a partir das lentes sempre atentas do fantástico.

BIBLIOGRAFIA

- ALAZRAKI, Jaime. **¿Qué es lo Neofantástico?**. Mester, Vol. XIX, No. 2, Outono, 1990. Disponível em: <https://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/Alazraki%20Que%20es%20lo%20neofantastico.pdf> Acesso em Jul. 2023.
- BESSIÈRE, Irène. **Le récitfantastique: la poétique de l'incertain**. Paris: Larousse, 1974.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital Brasileira: Suplemento Literário de São Paulo**. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098116x&pesq=&pagfis=1>, acesso em Out. 2022.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo,SP: Cultura Acadêmica, 2014.
- CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil 1875 a 1950**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- CESERANI, Remo. **O Fantástico**. Trad. Nilton Cesar Tridapalli. Curitiba, Ed.UFPR, 2006.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispanoamericano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FUENTES, Carlos. **La nueva novela hispanoamericana**. 4^a ed. Editorial Joaquím Mortiz S. A, Tabasco, México. 1972.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Trad. Julián Fus. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- RODRIGUES, Selma Calasans. **Macondamérica. A paródia em Gabriel García Marques**. Rio de Janeiro, Leviatã, 1993.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. **Biblioteca professor Rubens Costa Romanelli**. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/> Acesso em Out. 2022
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- VENTURA, Zuenir. **1968 – O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- VOLOBUEF, Karin. **Uma leitura do fantástico: A invenção de Morel (A.B. Casares) e O Processo (F. Kafka)**. Revista Letras, Curitiba, n.53, p. 109-123. Jan./Jun. 2000.

TEM EBÓ NAS PAISAGENS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA POÉTICA AFRO-RELIGIOSA BRASILEIRA

James Rios de Oliveira Santos (Doutorado)

Regina Célia dos Santos Alves (Orientador)

7º Semestre

Previsão de defesa: 01/2024

Esta pesquisa objetiva atestar a existência de uma poética afro-religiosa emergente na literatura nacional contemporânea. Trata-se de uma vertente literária que, enquanto conceito, é subsidiária da Literatura Afro-brasileira – terminologia proposta pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2014) para conceituar o conjunto de obras afro identificadas. Para consecução do trabalho, foram eleitas para análise obras contemporâneas, de diferentes gêneros e destinadas a públicos distintos, com o objetivo de evidenciar a presença das regularidades dessa poética nestas produções. Foram tomadas como objeto de investigação seis obras literárias, quais sejam, *Torto Arado* (2021) (romance), de Itamar Vieira Júnior; *As Ayabás do Rei* (2017) (romance), de Cléo Martins; *O corpo encantado das ruas* (2019) (crônicas), de Luiz Antônio Simas; *Um Exu em Nova York* (2018) (contos), de Cidinha da Silva; *Sortilégio* (teatro), de Abdias do Nascimento; *Omo-obá: histórias de princesa* (2009) (narrativa infantil), de Kiusam de Oliveira. A tese está dividida em três capítulos intitulados: “Epistemes na encruzilhada: um ebó para a crítica literária brasileira”; “Entre ruas, terreiros e divindades: nasce a Literatura Afro-Religiosa Brasileira” e “AxÉstético: por uma poética afro-religiosa”. No primeiro capítulo, buscou-se empreender uma revisão das representações afro-religiosas em algumas obras da literatura nacional, quais sejam, *O Tronco do Ipê* (1985), de José de Alencar; *Catimbó* (1990), de Sabino de Campos; *O Feiticeiro* (2005), de Xavier Marques; *Jubiabá* (2015) e *Capitães da Areia* (2018) de Jorge Amado e *Macunaíma*, (2008), de Mário de Andrade. Excetuando a obra de Amado, constatou-se, durante esta revisão, que as demais narrativas não estabelecem correspondências coerentes e positivas com as realidades culturais da população negra, em especial, com suas manifestações religiosas. Questionar representações desta natureza, neste trabalho, é de fundamental importância porque elas servem de parâmetro para se estabelecer comparações entre os discursos estereotipados e os que procuram apresentar positivamente as religiões de matriz africana. Por fim, neste capítulo, foi observado, ainda, que a crítica produzida acerca dessas produções por estudiosos estrangeiros como Gregory Rabassa e David Brookshaw não deu cabo de realizar uma leitura profícua de suas religiosidades. Advém daí a justificativa para a mobilização, no segundo capítulo, de referenciais africanos e afro-brasileiros como Gromiko (1987), Prandi (2001), Evaristo (2009), Opoku (2010), Altuna (2014), Duarte (2014), Paradiso (2020a) (2020b), Sodré (2019), Oliveira (2021), os quais discutem, em seus respectivos postulados, questões atinentes às cosmovisões africanas e afro-brasileiras, bem como à produção literária realizada por escritores negros no Brasil. Dos estudiosos que se debruçaram sobre o conceito de literário afro-centrado no país, é Duarte (2014) quem oferece uma noção terminológica capaz de conceituar esse *corpus* literário do povo preto na contemporaneidade. O conceito “Literatura Afro-brasileira” proposto por este pesquisador pode ser caracterizado a partir de cinco indicadores textuais possíveis de serem observados em uma obra, quais sejam, a) a temática, b) a autoria c) o ponto de vista; d) a linguagem; e) o público. Embora a Literatura Afro-religiosa Brasileira se articule, também, a partir desses indicadores textuais propostos por Duarte (2014), é preciso ponderar que as teorias acerca da filosofia animista e da filosofia da paisagem são índices balizadores dos conteúdos atinentes a essa vertente literária. Dessa forma, pode-se conceber a Literatura Afro-religiosa Brasileira a partir da consideração dos

indicadores que seguem: **a)** ponto de vista autoral anímico: trata-se do principal índice textual que se apresenta enquanto catalisador de uma cosmovisão de base animista que comprehende o mundo como uma unidade, a partir de um ponto comum: a crença no *anima* (PARADISO, 2020a). Essa cosmovisão é multifacetada e sua identificação só pode ser efetivada a partir da congregação de diversos elementos, tais como a natural convivência entre seres espirituais (entidades e divindades) e seres humanos; a crença na ancestrolatria; a manipulação de elementos naturais com objetivo de alterar uma determinada realidade (ebó); a crença nos fetiches (objetos sacralizados) (OPUKU, 2010). Nas obras analisadas, foi possível constatar a presença de todos esses elementos e, neste resumo, destacam-se o amalgamento dos planos material e espiritual, por meio da interação entre as divindades de religiões de matriz africana e os seres humanos. São os casos de Zeca Chapéu Grande e o Velho Nagô, (*Torto Arado*); de Tia Lita e Seu Zé Pelintra (*O corpo encantado das ruas*); de Mameto e Exu (*Um Exu em Nova Iorque*); de Cláudia e Oxum (*As Ayabás do Rei*), de Emanuel e Ogum (*Sortilégio*). Todos estes personagens interagem entre si por meio de fenômenos de incorporação, consultas oraculares (jogos de búzios e *opele*). **b)** a paisagem literária, tal qual comprehende Michel Collot (2013), pode ser entendido enquanto categoria balizadora do pensamento animista no Brasil. Isto porque, enquanto conceito, ela (a paisagem) lida com uma noção de espacialidade que se liberta “do dualismo arraigado do pensamento ocidental a ultrapassar um certo número de oposições binárias” como, a exemplo, “do sentido e do sensível, do visível e do invisível, do espírito e do corpo, da natureza e da cultura” (COLLOT, 2013, p. 18) – aspectos estes que, ao contrário, são tidos como complementares no bojo da cosmovisão animista. Enquanto sistema de pensamento, o animismo não é uma realidade comum a todos os brasileiros, como o é para muitas etnias/sociedades africanas (PARADISO, 2020a). Trata-se, neste caso, de uma realidade restrita, no Brasil, aos membros de comunidades religiosas de matriz africana, cujos terreiros constituem o *locus* referencial dessa cosmovisão. Dessa forma, somente um adepto da Umbanda comprehenderia o fato de que “as ruas comem quando a farofa do padê de Exu é arriada” (SIMAS, 2021, p. 41). É a partir dessas paisagens, que os sujeitos/personagens, ao perceberem determinados espaços, organizam os sentidos apreendidos pelos órgãos sensoriais e passam a interpretá-los social e culturalmente a partir de suas vivências (COLLOT, 2013). **c)** a temática: o *corpus* da Literatura Afro-religiosa Brasileira tem a capacidade de abranger diversos temas desde que estejam interseccionados às experiências religiosas de matriz africana. As obras analisadas até o presente momento atestam essa proposição: em narrativas como *As Yabás do Rei*, *Omo-Obá* e *Um Exu em Nova York* questões de gênero situam-se no primeiro plano da diegese, por meio da apresentação de personagens femininas que procuram romper com a ordem patriarcal instaurada. As tensões raciais vigentes no estrato da sociedade brasileira são, também, temas de obras como *Torto Arado*, *Sortilégio* e *O corpo encantado das ruas*. Cada uma a seu modo dispõe de enredos que descortinam a força e o desejo de seus personagens transporem, com auxílio de entidades e divindades, o racismo que acomete a si e aos membros de suas comunidades. **d)** a linguagem, construção estético-discursiva da Literatura Afro-religiosa Brasileira, expressa os valores culturais das religiosidades negras na diáspora. Prevalece a utilização de um vocabulário usual das comunidades de terreiro e palavras de origem iorubá e bantu são uma constante nos textos analisados: “Emerson Xoroquê, irmão de Obasi e aspirante a um bom posto no grupo de Ogunjá, ajudou-o a fugir” (SILVA, 2018, p. 63). A linguagem dessa vertente literária também é marcada pela presença de letras de pontos de umbanda ou cantigas de candomblé. Seja em *Sortilégio* seja em *O corpo encantado das Ruas*, essa musicalidade ratifica a presença da oralidade no discurso literário e contribui para imersão do leitor nas mitologias ancestrais. **f)** a autoria: mais do que reivindicar a cor dos autores, é preciso, em consonância com Duarte (2014, p. 32), “compreender a autoria não como um dado exterior, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da

construção literária". Em outras palavras, a cor do autor é importante, mas relativa, pois nem todo escritor negro escreve sobre a negritude e sobre sua religiosidade. Por outra via, há autores não negros, como é o caso de Ialorixá e escritora Cléo Martins, os quais, sustentados pela cosmovisão animista, traduzem exitosa e esteticamente as experiências de muitos personagens imersos no contexto das religiões de matriz africana. Dessa forma, a questão autoral está intrinsecamente relacionada à interação entre o fazer literário e a experiência e/ou apreensão não apenas dos saberes/fazeres religiosos, mas da cosmovisão que as sustentam. g) o público a quem se destina essa vertente literária não está restrito às comunidades de terreiro, embora os textos analisados sugiram a formação de um horizonte recepcional afro-religioso. As religiões de matriz africana ainda não são capazes de movimentar um mercado editorial em um país que sofre significativamente com a formação de leitores, no entanto, as propostas literárias que gradativamente despontam no cenário nacional podem contribuir significativamente para apresentação de uma das facetas da cultura negra veementemente encoberta pelo véu do racismo religioso em nossa tradição literária. A pesquisa está em via de finalização do segundo capítulo, que foi destinado à análise das obras. O terceiro e último capítulo será dedicado ao sumário exame de outras linguagens artísticas, quais sejam, três obras visuais do artista plástico negro CACosta e três canções do álbum "Iboru", de Marcelo D2.

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, Raul. *Cultura Tradicional Bantu*. 2 ed. Águeda: Paulinas Editora, 2014.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2012.
- COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- DIONÍSIO, Dejair. *Entre falos e falárias: pertencimento e discursos afro-brasileiros nas narrativas de homens em Tocaia Grande – a face obscura*, de Jorge Amado. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.
- DUARTE, Eduardo de Assis de. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- GROMIKO, A. A. *As religiões da África: Tradicionais e Síncréticas*. Universidade da Califórnia. Edições Progresso, 1987.
- MARTINS, Cléo. *As Ayabás do Rei*. 1ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias do. *Sortilégio*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. 1 ed. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2021.
- OLIVEIRA, K. *Omo-oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

OPUKU, A. R. (org.). *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PARADISO, Silvio Ruiz. “As religiões tradicionais africanas e as literaturas africanas”. *Revista África e Africanidades*. Ano XIII – n. 36, nov. 2020.

_____. Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista. *Revista Estação Literária*. Londrina, Volume 13, p. 268-281, jan. 2020.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 2001.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Trad: Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SANTOS, James Rios de Oliveira. *Autoria e representação de personagens negras em narrativas infantojuvenis: acervos PNBE 2011 e 2013*. 194fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

SILVA, Cidinha. *Um Exu em Nova York*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a forma social negro brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

VAN DIJK, Teun. *Racismo e Discurso na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. 1 ed. São Paulo: todavia, 2019.

WITTIMANN, T. *O realismo animista presente nos contos africanos: (Angola, Moçambique e Cabo Verde)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2012.

PAISAGENS DE DESTRUIÇÃO E ISOLAMENTO EM ROMANCES DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Ana Paula Sversuti Gongora Bortolotto (Doutoranda)

Regina Célia dos Santos Alves (Orientadora)

3º semestre

Previsão de defesa: 2026/01

A presente pesquisa tem como objetivo estudar a paisagem na produção romanesca de Ignácio de Loyola Brandão, autor cuja obra tem na cidade um de seus maiores temas. A ideia é pensar a paisagem que emerge da obra do autor, desde seu primeiro romance *Bebel que a cidade comeu*, publicado em 1968, passando por *Zero* (1975), *Dentes ao sol* (1976), *Não verás país nenhum* (1981), *O beijo não vem da boca* (1986), *O anjo do adeus* (1995), *O anônimo célebre* (2002), *A altura e a largura do nada* (2006), *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), e, o mais recente, *Deus, o que quer de nós?* (2022). A partir de discussões que envolvem o conceito de paisagem, as quais têm como suporte teórico autores como Michel Collot (2013), Augustin Berque (2023), Jean-Marc Besse (2006), Yi-fu Tuan (2005), o projeto busca observar como a paisagem se constrói nos romances de Loyola. Paisagem, essa, entendida como um “fenômeno, que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista” (COLLOT, 2013, p. 18). Segundo a perspectiva de Michel Collot (2013), para o qual a literatura é um campo mais que propício para pensar a experiência da paisagem, é o olhar que transforma o local em paisagem e que torna possível sua “artialização”, mesmo que a arte o oriente e o informe em retorno. Um ambiente só é suscetível a se tornar uma paisagem a partir do momento em que é percebido por um sujeito. Importa ressaltar que essa percepção não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas organizá-los para dar-lhes um sentido. Assim, a paisagem percebida é construída e simbólica e, portanto, há nas paisagens, significados diferentes para diferentes sujeitos. Na produção de Ignácio de Loyola Brandão, há espaços conflituosos, que sinalizam tensões e rupturas e, como resultado, a paisagem vai se modificando a cada romance. A cidade é o espaço principal das narrativas de Loyola Brandão, mas a que esse espaço urbano conduz? A paisagem é mais do que o espaço construído no texto, e esse é um dos aspectos que a pesquisa também busca observar nas narrativas do autor: a paisagem é resultado da interação entre o local, sua percepção e sua representação. Michel Collot, na leitura que faz da análise de Jean-Pierre Richard sobre as paisagens na obra do escritor francês François-René Chateaubriand, mostra que Richard estabelece algumas definições daquilo que entende por paisagem e que muito importam para a presente pesquisa, como a paisagem do escritor que surge a partir de sua escrita. Richard estabelece que a paisagem de um autor é o conjunto de elementos sensíveis que constituem a matéria e o terreno de sua experiência criativa. São os temas provenientes da vida sensorial e emocional de um escritor, que reaparecem com insistência em sua obra, onde assumem uma significação específica. Esses temas privilegiados são “portadores de ressonâncias subjetivas e de valores éticos e estéticos, e constroem, então, ao mesmo tempo que uma imagem do mundo, uma imagem do eu” (COLLOT, 2013, p. 55). À luz dessa afirmação é que se delineia a questão que norteia a presente pesquisa: qual é a paisagem do autor Ignácio de Loyola Brandão? Por meio de diferentes formas e configurações, qual é a paisagem que emerge de sua obra? Com isso, é possível perceber o potencial da paisagem para a compreensão da produção romanesca de Loyola. Os romances do autor, depois de examinados, poderão confirmar a hipótese que aqui é sugerida: a de que existe uma paisagem que permeia toda a sua produção, desde o

primeiro ao último romance publicado até o momento. Essa paisagem não designa os lugares descritos pelo autor nas narrativas, mas certa imagem de mundo, intimamente ligada ao seu estilo e sensibilidade. Diversas e diferentes paisagens construídas em seus romances apontam para os temas do isolamento e da destruição. É importante observar que a imagem de mundo e do eu é uma construção literária, logo, indissociável das estruturas semânticas e formais da obra, o que implica averiguar, ainda, como sentido e linguagem estão relacionados na escrita de Loyola. Segundo a linha de Richard, falar da paisagem a propósito de um escritor pressupõe, em primeiro lugar, que a criação literária tenha alguma coisa a ver com o visível, e, mais comumente, com a experiência sensível. Para Richard, é pela sensação que tudo começa, no coração do sensível, o escritor procura em todos os sentidos sua paisagem verdadeira. Essa paisagem “é composta por tudo o que um sujeito valoriza positiva ou negativamente no mundo sensível, porque o sentir é inseparável de um ressentir” (COLLOT, 2013, p. 56). Por meio de suas sensações eletivas e ressonâncias afetivas, o escritor se revela a si próprio, ao mesmo tempo em que constrói seu universo. “Porque o objeto descreve o pensamento que o possui; o exterior narra o interior” (2013, p. 56). Tal afirmação aponta para outro sentido possível da palavra paisagem, que também será levado em consideração na presente pesquisa: “a paisagem de um autor talvez também seja esse mesmo autor tal como se oferece completamente a nós, como sujeito e como objeto de sua própria escrita” (RICHARD apud COLLOT, 2013, p. 55). A pesquisa em andamento é de natureza bibliográfica, uma vez que é por meio de referenciais teóricos publicados que a hipótese em questão será averiguada. Para tanto, a leitura/ releitura dos romances de Loyola estão sendo realizadas na tentativa de delinear a correspondência entre os temas recorrentes nas narrativas. Paralelo a isso, também estão sendo feitas leituras e fichamentos de textos teóricos. A pesquisa se encerrará com a escrita da tese, que enseja contribuir para os estudos acerca da obra de Ignácio de Loyola Brandão.

BIBLIOGRAFIA

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERQUE, Augustin. **O pensamento-paisagem**. São Paulo: Edusp, 2023.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **A altura e a largura do nada**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Bebel que a cidade comeu**. 6 ed. São Paulo: Global, 2001.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Dentes ao sol**. 5 ed. São Paulo: Global, 2002.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela**. São Paulo: Global, 2018.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Deus, o que quer de nós?** São Paulo: Global, 2022.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. 27 ed. São Paulo: Global, 2008.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O anjo do adeus**. São Paulo: Global, 1995.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O anônimo célebre**. São Paulo: Global, 2002.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O beijo não vem da boca**. 6 ed. São Paulo: Global, 2009.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Zero**: edição comemorativa. 13 ed. ampl. rev. São Paulo: Global, 2010.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. IN: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Maser. **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

O FEMININO MULTIFACETADO: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS DE EDVARD MUNCH E HILDA HILST

Ana Laura Lemes Monte (Mestrado)
Ellen Mariany da Silva Dias (Orientadora)
3º semestre - Previsão de defesa: 2024/06

De acordo com Passos (2006), os discursos que construíram o que se entende por feminilidade foram consolidados, sobretudo, no final do século XVII e no decorrer do século XIX, consequentes das transformações sociais sofridas pelo continente europeu no campo político, social e filosófico, o que possibilitou a abertura de novas relações entre a esfera pública e privada e novos modos de leitura no que diz respeito aos papéis sociais delegados ao feminino em sociedade (PASSOS, 2006, p. 139). Este ideal foi fortalecido no imaginário social ao longo dos séculos pelo discurso decorrente de preservação da família burguesa nas sociedades ocidentais, sendo reproduzido nos diversos campos artísticos. Desse modo, considerando tal recorte histórico-social, esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa *Intermedialidades e Novas formas artísticas* e propõe um estudo comparativo entre o universo da poesia e o da pintura, considerando os elementos recorrentes em relação às representações da figura feminina presentes na obra de Hilda Hilst e em pinturas selecionadas de Edvard Munch. Isto posto, o ponto de partida desta dissertação de mestrado será a pintura de Munch *Os Três Estágios da Mulher (Esfinge)* (1894). Como o próprio título da tela indica, Munch representa três figuras femininas marcadas pelo predomínio das cores branca, vermelha e preta. Conforme Chevalier (1983), considerando a simbologia das cores, na qual o branco está ligado à pureza e à passividade, o vermelho ao ardor e à beleza, possuindo um caráter transgressor e, finalmente, o preto, relacionado à renúncia da esperança e ao conceito de luto, podemos dizer, sob esse viés, que a opção por estas cores acena a uma compreensão compartimentada sobre o feminino. Nossa hipótese é a de que o branco, o vermelho e o preto metaforizam três núcleos temáticos que remetem, respectivamente, à idealização da mulher e do feminino, à plenitude da maturidade e auge do desejo erótico e sexual e a sua decadência e/ou disfuncionalização social. Esta sequência temática, guardadas as devidas particularidades dos gêneros artísticos em estudo, perpassam tanto as obras de Munch quanto os poemas de Hilda Hilst. No caso da tela do pintor expressionista escolhida para iniciarmos nossa dissertação, a temática da obra em relação às representações do feminino é indiciada pelo seu título, que remete à resposta de Édipo para o enigma da esfinge: “É o homem, que engatinha na infância, anda ereto na juventude e com ajuda de um bastão na velhice.” (SÓFOCLES, p. 36) Nossa leitura, a partir desta relação intertextual, juntamente com os símbolos e cores utilizados por Munch nessa e em outras obras aqui selecionadas, fomenta a discussão de os modelos de feminino e os diferentes discursos que os sustentam favorecem uma interpretação múltipla e coexistente em relação aos atributos de feminilidade, remetendo aos estágios da vida da mulher, estes moldados por determinados padrões de feminilidade, não sendo possível dissociá-los ou compreendê-los separadamente. A proposta de uma leitura comparativa interartes foi possível ao percebermos que estas concepções surgem, também, nos poemas de Hilda Hilst, o que nos permite enlaçar os núcleos temáticos presentes em *Os Três Estágios da Mulher (Esfinge)* (1894) e em outras telas selecionadas para este trabalho com determinadas poesias da autora, considerando, novamente, as representações do feminino como idealizado, desejável e disfuncional, entendidas por nós como construções discursivas de feminilidade que, segundo Kehl (2016), são produzidas a partir do posicionamento masculino. Nesse

sentido, a escolha de Hilst por explorar determinadas formas fixas nos poemas selecionados e manter as temáticas que comumente se associam a elas possibilita-nos cogitar que os sentidos e significados em sua poesia também são encontrados e apreciados nas figuras femininas das telas de Munch, de acordo com o recorte temático deste trabalho. A exemplo, podemos citar a adoção de Hilst pelas elegias, modelo poemático ligado ao luto (CORTEZ, 2003, p. 78) e utilizado na poesia “8”, de *Amor contente e muito descontente* (1959), para demonstrar a temática da tristeza feminina e luto social decorrente de sua disfuncionalização perante o masculino, temática essa também visível nas obras de Munch em que há a presença da figura feminina representada pelo uso da cor preta, como em *Melancolia* (1900) e na obra já mencionada, *Os Três Estágios da Mulher (Esfinge)* (1894). Além disso, há determinados elementos linguísticos nos textos de Hilst, tais como a utilização de figuras de linguagens e de palavras que remetem aos campos semânticos da pureza, da erotização do feminino e do luto social, que também são encontradas nos elementos pictóricos metaforizados nas obras de Munch. Desta maneira, isto possibilitaria o cotejo temático e formal entre as duas modalidades artísticas. Nesse contexto, para discutirmos como as representações sociais atribuídas à feminilidade constroem as imagens da mulher idealizada, da mulher desejável e da mulher melancólica e são representadas em ambos os autores, optamos, em um primeiro momento, por abordar cada um desses modelos em um capítulo específico, observando o cruzamento dos elementos recorrentes nas poesias de Hilst e nas obras de Munch. Desse modo, no primeiro capítulo, intitulado até o momento de *A mulher idealizada*, há, nas obras *Separação* (1896) e *Cinzas* (1894), de Edvard Munch, e “XII”, de *Trovas de muito amor para um amado senhor* (1960) e “I”, da elegia “Sonetos que não são”, presente no livro *Roteiro do Silêncio* (1959), elementos a partir dos quais refletimos sobre como as idealizações do feminino são construídas em sociedade e esperadas da mulher, de modo a impossibilitá-la de enxergar outros caminhos a não ser a tentativa de autorreprodução desses modelos idealizados. Deduzimos, pois, que essas idealizações são impostas para adequar o feminino ao masculino, com o objetivo de assegurar a mulher ao lar e à maternidade. Assim, as mulheres que não se adequam a esse subterfúgio reforçado pelos homens são negadas como entidade social. No segundo capítulo, intitulado *A mulher desejável*, as análises *Cíumes* (1895) e *Vermelho e Branco* (1899), de Munch, em cotejo com “III”, de “Ode descontínua e remota para flauta e oboé, de ariana para Dionísio”, do livro *Jubilo, memória, noviciado da paixão* (1974) e “II”, de *Via espessa* (1989), ainda em produção, nos possibilitou reflexões sobre o corpo feminino, no que diz respeito à demonstração da sexualidade fora do modelo de reprodução, pertencente, portanto, ao território da luxúria, colocando as mulheres como prostitutas, subordinadas e funcionalizadas para o desejo masculino. No terceiro capítulo, *A mulher melancólica*, analisamos *Melancolia* (1900) e *Duas mulheres na costa marítima* (1935), de Munch, em contraste com “XII”, de *Balada de Alzira* (1951) e “8”, da elegia “Amor contente e muito descontente”, presente do livro *Roteiro do Silêncio* (1959), de Hilst. Averiguamos o modo como a não adequação do feminino aos atributos de feminilidade promove consequências sociais a essas mulheres, tais como a perda de identidade social e a sensação de morte e disfuncionalidade do feminino. Após esse momento, está em desenvolvimento um último capítulo em que, considerando as análises até aqui realizadas e uma leitura comparatista, constelar e dialógica (BAKHTIN, 1981), teceremos os caminhos que demonstram que essas representações podem estar contidas de modo multifacetado em uma só mulher, de acordo com o estágio/momento de sua vida em vigor, sendo possível a leitura de que uma representação feminina é efêmera, podendo ser outra em potência, como evidenciado na tela de Munch *A dança da vida* (1899), obra que encerrará nosso trabalho. É importante mencionar, portanto, que serão considerados o distanciamento histórico e estético de ambas as produções, bem como as particularidades do gênero artístico exercido pelos autores aqui em estudo, para compreendermos as oposições e semelhanças em relação ao

recorte temático e as hipóteses que permeiam esse trabalho. Por conseguinte, interessa-nos compreender, de acordo com as conclusões de tais análises comparativas, a maneira como a concepção e tradição dos discursos de feminilidade supracitados se constituiu e se preserva - ou não - na atualidade, reproduzindo-se por meio das artes, de modo a refletirmos sobre a necessidade constante de sua revisão.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forenze-Universitária, 2008.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CORTEZ, C. Operadores de leitura da poesia. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003, p. 59-89.

DUCHTING, H. **Edvard Munch**. Konemann: Paris, 2016.

HILST, H. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

KEHL, M. R. A constituição da feminilidade no século XIX. Em: **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-86.

PASSOS, D. Amor, cuidado e intimidade: a invenção moderna do feminino. In: PAIVA, A. C. S. (Org). **Estilísticas da Sexualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 137-152.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Disponível em domínio público:

<https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/06/edipo-rei.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

UMA SANGRIA EM PERFORMANCE: A (RE)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL PELA POÉTICA FEMINISTA DECOLONIAL DO SLAM

Érica Alessandra Paiva Rosa (Doutorado)

Suely Leite (Orientadora)

5º semestre – Previsão de defesa: jun./2025

Nesta pesquisa, propomos uma análise da poesia de autoria feminina produzida no circuito dos slams (campeonatos de poesia falada) brasileiros. Os slams têm se configurado como espaços de resistência discursiva nos quais pessoas que por muito tempo foram representadas pelos outros, como as mulheres, assumem o controle da palavra, por vezes, contestando a história contada pelo homem branco cis heterossexual. O slam é um espaço público onde as urgências são debatidas por meio da poética da palavra e do corpo e tem se tornado um lugar de projeção da voz feminina que por muito tempo não foi ouvida. Muitos poemas recitados nos slams apresentam reflexões sobre as situações que as pessoas vivenciam hoje e as formas como elas se representam em meio a tal conjuntura. Assim, é comum que as poetas abordem assuntos relacionados ao contexto político nacional, à violência, ao racismo, às questões de gênero e de classe, à sexualidade, aos relacionamentos abusivos, dentre outros temas diversos. Com tais abordagens, as poetas reivindicam respeito, direitos e cidadania, além de provocar seus interlocutores a uma decolonização do pensamento. De acordo com Mignolo (2017), a colonialidade é um padrão colonial de poder que justifica o uso da violência em favor de promessas de progresso e desenvolvimento. Compreendemos que a colonialidade nasce nos processos de colonização e perdura até os dias atuais, orientando o poder a partir de relações hierárquicas como o racismo, a classe social, o patriarcado e a organização de gênero, por exemplo. Já a decolonialidade é definida por Mignolo (2017) como um modo de pensar desvinculado das ideias ocidentais, portanto, desenvolvido de forma localizada na América Latina e no Caribe a partir da experiência vivida por seus povos. Assim, os processos de decolonização do pensamento propõem outras leituras da história e de sua influência nas relações sociais contemporâneas para identificar como as estruturas hierárquicas de poder persistem ao longo do tempo e como é possível romper com tais formas de controle ao construir um pensamento localizado que oriente as práticas políticas. Nesse contexto, buscamos discutir como a poética do slam constrói representações sobre as mulheres brasileiras e investigar aspectos que a caracterizam como uma literatura feminista decolonial que (re)constrói a história do Brasil pela perspectiva das poetas. Trabalhamos em especial com um projeto da slammer Luiza Romão que contempla o livro *Sangria* (2017) e a apresentação de seus poemas nos slams. Com design de Daniel Minchoni, fotos de Sérgio Silva, prefácio de Heloisa Buarque de Hollanda e tradução de Martina Altalef, o livro é apresentado nas línguas portuguesa e espanhola, unindo as materialidades do poema e da fotografia para recontar a história do Brasil pela perspectiva de um útero (construído esteticamente na forma do livro e no conteúdo dos textos). Composto por 28 fotos e 28 poemas organizados em seis capítulos – Genealogia, Descobrimento, Tensão pré-menstrual, Corte, Ovulação e Menstruação – e lido no formato de um calendário, o livro é construído em torno de um ciclo menstrual atravessado por acontecimentos históricos brasileiros. *Sangria* propõe uma compreensão antiessencialista da formação do Brasil, questionando e desconstruindo os conceitos normativos e homogeneizantes, assim como os estereótipos traçados pela colonialidade. Tal posicionamento dialoga intimamente com os feminismos de política decolonial, os quais rejeitam fórmulas que segmentam, amparando-se nas práticas de mulheres e comunidades que vivenciam diferentes camadas de opressões e, como resistência, articulam formas de enfrentamento à colonialidade (VERGÈS, 2020). Nesse sentido, Curiel (2017) destaca que as propostas decoloniais são construídas a partir das experiências, de

modo que a teoria embasa as ações e as práticas políticas de determinado grupo ou movimento. Por meio de *Sangria*, é possível refletir sobre a construção identitária das mulheres em um país colonizado e as relações entre a modernidade, o colonialismo e o capitalismo, que atualizam as opressões e sustentam as hierarquias. Até este momento da investigação, as leituras teóricas se centraram sobre os eixos da identidade, da colonialidade e do feminismo decolonial, buscando organizar um arcabouço que nos auxilie a realizar uma crítica literária decolonial da poesia produzida pelas mulheres nos slams brasileiros. Com as leituras, compreendemos que o processo de construção identitária é influenciado pela colonialidade que propõe imaginários específicos sobre as pessoas – pautados nas diferenças raciais, sociais, de gênero e de sexualidade – os quais hierarquizam os modos de perceber o mundo. Nessa conjuntura, o campo da teoria decolonial investiga as diferentes facetas da colonialidade, como a da natureza, do ser, do saber, do gênero, da linguagem e do poder, dentre outras. Assim, as leituras da pesquisa se debruçam sobre esses recortes, em especial, o conceito da colonialidade do gênero. Segundo Lugones (2008), o gênero é uma criação do sistema moderno/colonial que impõe a dicotomia hierárquica masculino/feminino, o dimorfismo biológico e a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais como as únicas opções de organização do gênero dentro desse sistema. Assim, conforme o Ocidente colonizou os países do Sul, ele também disseminou as suas formas de organização social, implantando modelos de corpos e comportamentos corretos e incorretos. Nesse contexto, os ideais de gênero e de sexualidade contemporâneos nascem de uma hierarquização que se produz na colonialidade. Sobre a estrutura da tese, planejamos organizar o texto em três capítulos. O primeiro está em construção e apresenta o movimento dos slams, abordando sua origem e chegada ao Brasil, além de seu desenvolvimento no país com a participação das mulheres nessa trajetória. Para isso, nos pautamos em pesquisadores como D’Alva (2011), Romão (2022), Freitas, Peregrino e Patrocínio (2022; 2023), buscando delinear as características do slam em diálogo com uma prática decolonial. Com tal objetivo, a investigação já identificou três propostas decoloniais na configuração das comunidades de slams, sendo o protagonismo coletivo, a produção e a transmissão de conhecimentos e a criação de futuros outros com um projeto político. A atuação coletiva para a transformação é uma característica das propostas decoloniais, pois a construção comunitária é o centro do sentir-pensar para a criação de um outro mundo (CURIEL, 2017). Nessa perspectiva, a construção conjunta é a peça-chave do slam, que só existe se houver uma equipe organizadora, slammers para se apresentarem, plateia para assistir às performances e jurados, pois o campeonato mobiliza o público a ser peça fundamental do jogo ao compor o júri. Logo, o protagonismo no slam é coletivo. As propostas decoloniais também se caracterizam pela produção do conhecimento e de narrativas a partir de locais geopolíticos e de corpos-políticos de enunciação (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016). No slam, corpos-políticos são colocados em enunciação a cada escrita e apresentação de um poema, assim, a construção do conhecimento é um processo contínuo realizado com as experiências do grupo que reflete sobre a sua realidade e, a partir das transformações que deseja realizar, propõe uma atuação política. Ademais, a organização dos slams é feita através da transmissão de conhecimento, pois as comunidades mais velhas ensinam o que sabem aos slams que nascem, assim como os poetas mais experientes, aos mais novos. Mignolo (2017) propõe conceitos como ressurgir, reemergir e re-existir para nomear um projeto de vida coletivo para além de resistir, visto que esse último pressupõe que outra pessoa detém os poderes de controle. Nesse contexto, comprometido com o desafio da decolonização, o slam desconstrói o imaginário de que a poesia é feita pela e para a elite, para determinada raça, para determinado gênero. No slam, a juventude decoloniza a linguagem com suas gírias e sintaxe próprias, reinventando a língua e usando o poema para narrar suas próprias histórias em até três minutos, construindo um espaço para sonhar futuros outros, pois quando as artes imaginam e criam representações em

um projeto de sociedade que queremos para nós, elas ilustram a re-existência. O segundo capítulo da tese apresentará as configurações estéticas da poesia do slam, delineando as características de uma literatura decolonial e promovendo discussões sobre a construção identitária da mulher no Brasil. Tais relações serão exemplificadas com trechos de alguns poemas de slammers brasileiras para apresentar os temas trazidos pelas poetas sobre o país e compor um panorama da poética feminina nos slams. Destacamos que essas leituras já foram realizadas nos artigos para cumprimento das disciplinas do programa. O terceiro capítulo apresentará a poeta Luiza Romão e o livro *Sangria*, com a análise literária decolonial dos 28 poemas e suas apresentações no slam disponíveis em vídeo, das fotografias e do design do livro, considerando sua construção temática, estética e performática, apontando as formas de violência contra a mulher denunciadas nos poemas em diálogo com o feminismo decolonial, a colonialidade de gênero, a performance e a oralidade. Para os estudos sobre a identidade, temos como referencial teórico Hall (2000; 2003; 2006), Bauman (2005) e Castells (1999). Sobre a decolonialidade, nos pautamos em Mignolo (2008; 2014; 2017) e Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), já sobre o feminismo decolonial, Lugones (2008; 2014), Curiel (2019; 2020; 2021), Gonzales (1984; 2016; 2020) e Vergès (2017; 2019), dentre outras. Sobre a crítica literária feminista, trabalhamos com Hollanda (2018; 2019; 2020) e Bonnici (2007; 2012). Já para as discussões sobre poesia, performance e oralidade utilizamos Aguilar e Câmara (2017), Zumthor (1997; 2002) e Martins (2003).

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR, Gonzalo; CÂMARA, Mario. **A máquina performática**: a literatura no campo experimental. Trad. Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado** (UnB. Impresso), Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan.-abr. 2016.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.
- _____. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, Paula Balduino de et al. (org.). **Descolonizar o feminismo**: VII Sernegra. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019, p. 32-51.
- _____. Las Claves de Ochy Curiel. Feminismo decolonial. Entrevista de Ochy Curiel para o Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo. **CICODE UGR**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ZSHqvKLANQ>>. Acesso em: 09 mar. 2021.
- _____. Ochy Curiel e o feminismo decolonial. [Entrevista concedida a] Ana Paula Procópio da Silva, Magali da Silva Almeida e Renata Gonçalves. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, 2020, n. 46, v. 18, p. 269 – 277.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, n° 9, 2011, p. 119-126.

FREITAS, Daniela S.; PEREGRINO, Miriane; PATROCÍNIO, Paulo R. T. do. Dossiê poetry slam: produção, circulação e recepção – Parte 1. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 49, mai.-ago./2022, 333 p.

_____. Dossiê poetry slam: produção, circulação e recepção – Parte 2. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 51, jan.-abr./2023, 291 p.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 149-168.

_____. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). _____. **Explosão feminista**: arte, cultura política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). **Género y Descolonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2008.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura**: corpo, lugar de memória. Letras, Santa Maria. n. 26, jun. 2003, p. 63-81.

MIGNOLO, Walter (org.). **Género y Descolonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2008.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952.

_____, Walter et al. **Género y Descolonialidad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

_____. **Desafios decoloniais hoje**. Trad. Marcos Jesus de Oliveira. Epistemologias do sul, Foz do Iguaçu, 1 (1), pp. 12-32, 2017.

ROMÃO, Luiza. Microfone em chamas: slam, voz e representação. 2022. 232f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022.

_____. **Sangria**. São Paulo: Edição do Autor – Selo do Burro, 2017.

VERGÈS, Françoise. **Le Ventre des femmes**: Capitalisme, racialisation, féminisme. Paris: Albin Michel, 2017.

_____. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance, recepção e leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2002.

INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA INFANTIL: PERSONAGENS NEGRAS ENTRE ADAPTAÇÕES, VELHAS E NOVAS HISTÓRIAS

Raí Garcia Mihi Barbalho Viana (Mestrado)

Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: jul./2024

Essa pesquisa concentra-se na área de literatura infantojuvenil brasileira, com ênfase na construção das personagens negras por meio de recursos intertextuais, como a adaptação literária. Em linhas gerais, o objetivo norteador deste trabalho foi analisar a construção do protagonismo de crianças negras e de novas representações de infância a partir do uso do recurso literário da intertextualidade, estabelecendo uma relação entre essas novas vozes e os velhos discursos literários. De forma a alcançar tal objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e interpretativa; a princípio, realizou-se um levantamento teórico basilar, contemplando obras historiográficas sobre a literatura infantil e sobre a construção da noção de infância; em seguida, construiu-se a fundamentação teórica pertinente à intertextualidade, fenômeno amplo e que cobre uma miríade de manifestações, como as adaptações literárias, analisadas no primeiro conjunto de obras selecionado, e as alusões, analisadas posteriormente, a partir do trabalho com uma única obra. Logo, os dois primeiros capítulos desse trabalho organizam-se de forma a serem lidos como fundamentação teórica basilar para os próximos capítulos de análise, os quais, em momento oportuno, também apresentarão a fundamentação teórica específica de cada capítulo. No primeiro capítulo, constrói-se um percurso historiográfico a respeito do surgimento da literatura infantil enquanto gênero autônomo e com suas particularidades e características. A partir de autores como Zilberman (2003), Hunt (2010) e Rosemberg (1984), investigo as relações entre a moral burguesa e as primeiras representações do infante construídas por tais narrativas, de cunho altamente moralizante e pedagógico. A relação entre ideologia e representação da infância é bastante pertinente a esse trabalho, uma vez que se propõe analisar como a utilização da intertextualidade – em seu amplo espectro de manifestação – pode contribuir para a construção de novos personagens, novas infâncias: pode a intertextualidade contribuir para a criação de um novo discurso literário, formado pela representação genuína de crianças negras? Ou seja, para que seja possível compreender a radicalidade, muitas vezes sutil, dos personagens negros na atual literatura infantil, é preciso compreender de qual ponto partimos: quais eram as crianças capturadas entre as páginas dos livros infantis? A qual propósito serviam? No segundo capítulo, busco realizar um levantamento teórico das principais perspectivas a respeito da adaptação literária, tendo como base principal os trabalhos de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Samoyault (2008) e Allen (2022). Recapitulando os principais teóricos e conceitos relacionados à intertextualidade, inicio com a cunhagem do termo, com Julia Kristeva, a partir dos escritos de Bakhtin (2022), em meados do século XX, prosseguindo por autores como Barthes (2004), Genette (1982), Sant'anna (1999) e Hutcheon (2011). Estabelecidas as bases teóricas fundamentais gerais do trabalho, abre-se a primeira seção de análise das obras literárias. Busca-se, nesse capítulo, conceituar a “intertextualidade” conforme será entendida e trabalhada nessa pesquisa, além de ressaltar a multiplicidade com que pode ser empregada em um texto literário para os mais diversos fins. Ainda sem título, a segunda parte desse trabalho, que se segue à fundamentação teórica básica, contará com uma introdução cujo objetivo é contextualizar teoricamente a primeira manifestação do fenômeno da intertextualidade a ser trabalhada: as *adaptações literárias*. A fundamentação teórica específica desta seção é composta por trabalhos como Hutcheon, em *A teoria da adaptação* (2011), e Sanders, em *Appropriation and Adaptation* (2016). Ademais, discute-se algumas características do conto

de fadas, conforme Coelho (2012), pois todas as histórias analisadas constroem-se como adaptações de contos de fadas clássicos, fenômeno percebido como bastante comum, em razão da ampla divulgação dessas histórias e de seu objetivo de expressar situações humanas universais. Dessa forma, neste terceiro capítulo, três obras classificadas como “adaptações literárias” são analisadas em cotejo com as histórias-base das quais partem: duas delas pertencentes a uma coleção intitulada “De lá pra cá”, publicada pela Editora Mazza (autoria de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, com ilustrações de Walter Lara). Em ordem de publicação, analiso *Chapeuzinho Vermelho e o Boto Cor-de-Rosa* (2020) e *A pequena sereia* (2022), aproximando-as de suas histórias-base como forma de levantar as modificações propostas pelos adaptadores brasileiros e de que formas tais modificações contribuem – ou não – para a construção de novos protagonismos negros nas histórias infantis. Após essas duas primeiras análises, discorre-se sobre *Pretinha de Neve e os Sete Gigantes* (2013), obra de Rubem Filho que eleva o nível disruptivo da mera adaptação, acrescentando diálogo com outras obras literárias para além daquela analisada e utilizando-se do humor como forma de questionar o próprio universo ficcional dos contos de fadas. Além da análise comparativa entre os textos, será realizada uma análise entre as ilustrações das obras, na qual serão observadas recorrências – como a escolha das cenas a serem ilustradas – e diferenças na construção visual das personagens e das narrativas. Por fim, no quarto capítulo, intitulado “Intertextualidade – entre *griots*, marujos e as narrativas de aventura: o caso de *As viagens de Simba Jasiri* (2022), de Nei Lopes”. Assim como ocorrido no primeiro capítulo de análise, esse quarto capítulo se inicia com uma fundamentação teórica própria, pertinente às questões discutidas. Dessa forma, em um primeiro momento, discorro sobre a literatura afro-brasileira na perspectiva de Duarte (2008), bem como a partir de Kilomba (2019), Adichie (2019), Evaristo (2009) e Hall (2016), as representações artísticas, científicas, literárias, entre outras, construídas dos negros no decorrer da história e como o discurso de intelectuais e artistas negros se posiciona de forma a descolonizar tais discursos hegemônicos. A obra de Nei Lopes difere-se das anteriores analisadas por se construir com a proposta de uma adaptação. Ao contrário das narrativas de Agostinho e Coelho e de Filho, *Simba Jasiri* trabalha, em uma nova história, alusões e referências a uma das mais conhecidas obras da literatura mundial: *As mil e uma noites*, pois há uma relação intertextual direta entre a personagem de Lopes e a personagem Sindabād, o Marujo, uma das narrativas contadas por Sheherazade na obra mencionada. A opção pela intertextualidade com essa narrativa revela não apenas a tradição narrativa oral que está por trás da obra de Lopes, mas a própria relação entre os povos africanos e os povos árabes, presente no desenrolar das aventuras de Simba Jasiri. Nesse capítulo, partindo dos pressupostos de Koch, Cavalcante e Bentes (2012), explora-se também a intertextualidade intergenérica e a forma com que Lopes, utilizando-se do clichê das narrativas de aventura, principalmente aquelas em alto-mar e envolvendo viajantes deparando-se com novas terras, constrói uma história que une memória, aventura, família e o passado escravocrata, trazendo novas facetas para um tipo de história infantil bastante conhecido e atrelado, principalmente em sua origem, ao projeto imperialista de países como a Inglaterra, razão pela qual muitas das narrativas de aventura escritas entre os séculos XVIII e início do século XX serem marcadas por um viés colonizatório que constrói a figura do *outro* a partir de um olhar europeu, conforme destacado por Yenika-Agbaw na introdução de seu estudo intitulado *Representing Africa in Children’s Literature* (2008).

BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- ALLEN, Graham. **Intertextuality**. 3. ed. Nova York, NY: Routledge, 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da obra de Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 2022.
- BARTHES, Roland. **Inéditos**: Vol.1 – Teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Chapeuzinho Vermelho e o Boto-cor-de-rosa**. Ilustrações de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.
- AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **A pequena sereia**. Ilustrações de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção. **Estudos de literatura contemporânea**, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2008.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- FILHO, Rubem. **Pretinha de neve e os sete gigantes**. Ilustrações do autor. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: La littérature au second degré. Paris, França: Éditions du Seuil, 1982.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOCH, Ingênore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LOPES, Nei. **As viagens de Simba Jasíri**. Ilustrações de Marcelo D'Salete. Rio de Janeiro: Globinho, 2022.
- ROSEMBERG, Fúlia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.
- SAMOYAULT, Tiphanie. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SANDERS, Julie. **Adaptation and Appropriation**. 2. ed. Reino Unido, Inglaterra: Routledge, 2016.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

YENIKA-AGBAW, Vivian. **Representing Africa in Children's Literature:** old and new ways of seeing. Nova York, NY: Routledge, 2008.

O SÍSIFO DA LITERATURA: A NARRATIVA COMO DIALÉTICA ENTRE PERSISTÊNCIA E IMPERMANÊNCIA

Kaedmon Sellberg (Doutorando)

Frederico Fernandes (Orientador)

5º Semestre

Previsão de defesa: 01/2025

Até pouco tempo chamada “A saúde dos significados”, a pesquisa tinha a intenção de estudar, em romances e novelas, as construções de sentido de vida de um personagem em um “planeta ferido” (Tsing, 2017; 2019; Silva e Silva, 2022; Haraway, 2009; 2021; 2023; Kothari et al, 2021), termo que aborda, de uma única vez, o antropoceno, as mudanças climáticas, o neoliberalismo, os tecnocratas do Vale do Silício, as guerras causadas pelo imperialismo cultural, a ascensão do fascismo e da ultra-direita. As duas áreas em relação desta pesquisa continuam as Ciências Comportamentais Contextuais (CBS), conhecida como terceira onda da psicologia comportamental (Oshiro & Ferreira 2022; Paola Lucena-Santos et al, 2015; Hayes et al, 2021) e as tradições críticas da Teoria Literária, com maior influência de Derrida (2017) e de correntes pós-humanistas e eco-críticas, apresentadas por Donna Haraway (2009; 2021; 2023). Durante a pesquisa de doutorado houve uma troca conceitual de “saúde” por “movimento” (até agora) e “planeta ferido” por Chthuluceno (Haraway, 2023, p. 104), “composto de estórias e práticas multiespécies contínuas de devir-com em tempos precários e arriscados, nos quais o mundo não acabou e o céu não caiu – ainda [...] os seres humanos não são os únicos atores importantes do Chthuluceno, e todos os outros seres não apenas reagem a eles.” Já a troca de “saúde” por “movimento” amplia o sentido de “vida” que a tese queria estudar. O conceito de “saúde”, para bem ou mal, se torna protagonista na vida do sujeito social e “todas as atividades sociais, lúdicas, religiosas, esportivas,性uais são ressignificadas como práticas de saúde” (Ortega, 2015, p. 155). Mais do que uma prática historicamente ligada à cura e tratamento de doenças, a pesquisa buscava encontrar o que motivava um certo interesse ideológico em viver. Queria observar o sentido de viver análogo à utópica caminhada como “ato contra angústia diante da vida” [...] “o ponto luminoso que literalmente mais se aproxima da ideia de movimento contida no componente utópico: “¿ Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminhar (Beretta, 2022, p. 58; Birri apud Galeano, 2001, p. 230). Alterar “saúde” por “movimento” é um deslocamento de discurso, mas apenas porque o deslocamento – retirar o protagonismo do discurso da saúde – restaura uma subjetividade das relações verbais do sujeito que será, ela mesma, fundamental para desenvolver sua relação terapêutica com o pressuposto de normalidade destrutiva da vida (Hayes et al, 2021, p. 34) previsto, também, no conceito de Chthuluceno. Isso é: a inevitável universalidade do sofrimento e sua intrínseca relação com a linguagem humana e a natureza do seu organismo. Finalmente, esse “interesse ideológico pela vida no Chthuluceno”, precisou, então, parear a questão filosófica-existencial com uma metodologia de análise de narrativas, pautada na teoria das molduras relacionais (Hayes et al, 2001). Muitos modelos da teoria foram aplicados às narrativas estudadas (quase todos discutidos em *Teoria das Molduras Relacionais (RFT): conceitos, pesquisa e aplicações*, Perez et al, 2022), entretanto, reproduziam valores e resultados menos interessantes à pesquisa. É a interpretação de Camus sobre Sísifo que traz contornos literários à teoria. Camus (2019, p. 97) descreve: “vê-se apenas todo o esforço de um corpo estirado para levantar a pedra enorme, rolá-la e fazê-la subir uma encosta, tarefa cem vezes recomeçada [...] a repetição [...] Sísifo, então, vê a pedra desabar em alguns instantes para esse mundo inferior de onde será preciso reerguê-la até os cimos.” A “repetição” acompanha o “movimento” enquanto elemento filosófico-existencial e

metodológico da tese. Para Derrida, é pela repetição que uma cena se desnuda, abrindo quem sabe para *outra cena* (Nascimento, 2015, p. 67). A repetição – fazer, dizer, acontecer, várias vezes – desnuda um saber (uma verdade, um argumento), abrindo para um saber diferente daquele adquirido pelo ato original. Como “nenhum homem pode se banhar duas vezes no mesmo rio”, a repetição sempre pressupõe mudança e conservação. Persiste ao se reproduzir, ainda que com alguma alteração, os padrões que lhe dão forma, mas também se torna aquilo que lhe foi legado pelos encontros específicos (Silva e Silva, 2022, p. 99). A tese se apropriou das questões de repetição em Derrida (2017) e Camus (2019) e as reinterpretou em termos de signo em uma narrativa ficcional: o significado/sentido de um signo persiste ao reproduzir na literatura, ainda que com algumas alterações, os padrões referenciais, extra-literários, que lhe dão forma e sentido. O fenômeno modaliza o repertório de sentidos e significados (como uma “história de vida” do signo), que lhe dá um caráter individualizado e persistente, de sentido relativamente estável (retomando termos bakhtinianos). Porém, quando o signo extra-literário é recontextualizado em ficção, ele se desnuda para outro saber. Assim, *o sentido de vida em ficção é um outro saber, uma outra cena (impossível de ser discutida em clínica, por exemplo), que mesmo durante a mímises, pressupõe uma persistência dos valores da realidade enquanto as varia em outro saber*. Em outras palavras, Sísifo não se repete. Ele persiste, é sua revolta camuniana. Pensar uma “leitura de Sísifo” sobre romances e novelas é o que reorientou as relações entre a CBS e a Teoria Literária atualmente. O método de leitura de romances e novelas nesta tese é relacional à repetição do movimento de Sísifo: observa a persistência dos sentidos e do mundo ao longo da narrativa (uma relação de sentidos fixos, chamada dêixis-conteúdo) que, repetidamente discutidos, narrados, recontextualizados, abre-se para a variação dos mesmos sentidos, *um outro saber* (uma relação de sentidos variados, chamada dêixis-contextual). Para esta tese, a narrativa é um processo de estese que explora a dialética entre dêixis-conteúdo e dêixis-contextual; por meio de um idioma, narra as experiências de um ou mais organismos em relação – e, pelas descrições, a narrativa performa um deslocamento de dêixis-conteúdo em dêixis-contextual, que performa uma anamorfose dos saberes cotidianos em poesia. Esse esquema de leitura é uma maneira privilegiada para observar as construções de sentido de vida como Chthluceno: retira o protagonismo de um personagem central na construção de sentido da sua vida, observa sua subjetividade se diluir em uma constelação de eventos variáveis, onde um certo sentido de si e de sua vida persiste – o que fundamenta o Eu narrado – enquanto a repetição de seu contínuo movimento pelas próprias relações verbais varia as formas de se ver, formas de se narrar, formas de narrar o mundo. Em teoria, pautadas nas interpretações da teoria das molduras relacionais e nos modelos terapêuticos das ciências comportamentais contextuais, essa maneira de ler histórias e estórias, ficção e vida, contribuiriam criativamente a viver uma vida que vale a pena ser vivida. Por último, a tese busca discutir que há certa utopia em ler as narrativas desse modo – isto é, ler a narrativa como um processo verbal da estese no tempo. Abstrair os elementos de persistência, resistência, ante a impermanência das coisas, expressa um compromisso com viver apesar da queda de todas as coisas. Há, também, uma função de contemplação na impermanência em literatura: se a impermanência pressupõe a absurda passagem do tempo, a literatura é o sublime de Burke (1993), para quem o assustador (ou absurdo), uma vez contemplado de uma zona de segurança, pode causar o sentimento sublime. O Sísifo da literatura seria o sublime do tempo e da vida; voluntariamente dá atenção, e aceita, com curiosidade e abertura, a impermanência das relações com o mundo. Como discute Haraway (2023, p. 244): “[...] precisamos escrever estórias e viver vidas pelo florescimento e pela abundância, sobretudo em meio à destruição e à pauperização descontroladas [...] e tecer colaborações improváveis, sem preocupar-se demasiado com tipos ontológicos convencionais.” Aqui, defendo, é preciso utopicamente contemplar: estórias e vidas a partir do seu florescimento e abundância, a partir da sua multiforma e graça; em face da

impermanência da colina, persistir em erguer a rocha mais uma vez. É preciso imaginar Sísifo, não necessariamente feliz (Camus, 2019, p. 98), mas a partir do seu florescimento e abundância.

BIBLIOGRAFIA

- BERETTA, Laysa. **A presença da utopia na literatura brasileira contemporânea**. 2022. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.
- BURKE, E. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. 1^a edição. Campinas: Editora Papirus, 1993
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução Ari Roitman, Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, [1967] 2017.
- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e Tradução Tomaz Tadeu. 2 edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023
- _____. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução Pê Moreira; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HAYES, Steven C et al. **Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian Account of Human Language and Cognition**. Kluwer Academic/Plenum Publishers: New York, 2001.
- HAYES, Steven C.; **Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente**. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Mônica Valentim. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto. Prefácio. In: _____ (Orgs). **Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento**. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- LUCENA-SANTOS, Paola; PINTO-GOUVEIA, José; OLIVEIRA, Margareth da Silva. **Terapias comportamentais de terceira geração: guia para profissionais**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.
- NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução**. São Paulo: Realizações Editora, 2015.

OSHIRO, Claudia Kami Bastos; FERREIRA, Tiago Alfredo da Silva (orgs.). **Terapias contextuais comportamentais:** análise funcional e prática clínica. Santana de Parnaíba, Sp: Manole, 2021.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze:** ressonâncias nietzschanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.139-173.

PEREZ, Wiliam F. **Teoria das Molduras Relacionais (RFT):** conceitos, pesquisa e aplicações. São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento, 2022.

SELLBERG, Kaedmon. A Eva Futura em Blade Runner: ciborgues se reescrevem no tempo. 2018. 187. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

_____. **A saúde dos significados:** flexibilidade psicológica em uma virada ontológica. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

SILVA E SILVA, Fernando. **Fazer filosofia em um planeta ferido:** Whitehead, Stengers e uma filosofia ambiental. 261 folhas. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Arts of living on a damage planet:** ghosts of the Anthropocene. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

_____. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no antropoceano. Tradução Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

A POLÍTICA PÚBLICA COMO DISPOSITIVO DE (DES)AMPARO: OS EDITAIS DE INCENTIVO À CULTURA E A SUA SUBJETIVIDADE

Amanda Maria Damasio Teixeira (Doutorado)

Frederico Garcia Fernandes (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: 2026/1

Sabe-se que, atualmente, os efeitos das políticas públicas de cultura são discutidos com frequência, passando por inúmeras análises e questionamentos, a fim de que se possa descobrir os seus impactos. O trabalho em questão tem o objetivo de compreender quais são os efeitos e desdobramentos da política pública de cultura em relação ao desamparo que os artistas enfrentam em seu ofício, em especial aquele que surge durante seu processo criativo e, especificamente, ao escrever obras literárias. Pretende-se analisar, de início, os editais do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) e do PROFICE, sem deixar de citar outros programas e instituições que podem ter aparecido durante a pesquisa. A tese é derivada de um projeto de Iniciação Científica e de uma dissertação de mestrado que trabalharam com os impactos do PROMIC no espaço público e na literatura londrinense. Busca-se, então, pensar nessas questões e em seus enraizamentos: no primeiro capítulo, pretende-se demonstrar quais são as configurações do desamparo, ou seja, definir o que é desamparo e amparo, problematizando-o com base nas teorias utilizadas para construir a tese. Para isto, elencou-se como um dos principais teóricos desta tese o sociólogo francês Pierre Bourdieu, principalmente em relação à obra *As regras da arte* (1996), na qual, por exemplo, são discutidos os efeitos das instâncias de consagração sobre os campos de produção literária. A partir das suas noções de capital econômico, simbólico, cultural, social, entre outras variantes, é possível delinear com mais clareza quais são as subjetividades que afetam a literatura e o fazer literário. Para Bourdieu (1996), o escritor se encontra sempre em um *lugar incerto*, um espaço atravessado por disputas entre diferentes poderes. Há também a importante contribuição de alguns livros escritos pelo filósofo chileno Vladimir Safatle. Autor das obras *O circuito dos afetos* (2020) e *Maneiras de transformar o mundo* (2020), Safatle, por sua vez, sublinha a existência dos afetos no meio político e a importância de estudá-los. É a partir de sua teoria que a problematização central da tese se delineará: para Safatle, apenas os sujeitos que experienciam o desamparo podem agir politicamente. De certa forma, talvez seja possível dizer que seu trabalho é um elogio ao desamparo. Ao mesmo tempo, é interessante pensar de qual maneira isso afeta as noções das políticas públicas de cultura: elas devem amparar os seus proponentes, então, ou ensiná-los a se emancipar diante do desamparo (se é que isso é possível)? Se as políticas de financiamento desses editais podem ser consideradas uma forma de amparo, como pode-se amparar também as subjetividades do sujeito? Como lidar com o seu processo criativo se parte das políticas públicas de cultura colocam seu maior foco na prestação de contas do produto final? Safatle aponta que é importante afirmar o desamparo, e não, necessariamente, lutar contra ele. Com o desamparo, sem ajuda, esperança ou medo, o sujeito se emancipa. Segundo ele, com este afeto no horizonte: “o impossível é o lugar para onde não cansamos de andar, mais de uma vez, quando queremos mudar de situação. Tudo o que realmente amamos foi um dia impossível” (SAFATLE, 2020, p. 36). Assim, Safatle indica uma valorização do desamparo que, muitas vezes, se distancia do que é esperado de uma política pública de cultura e das discussões em torno dela. Tais espectros pretendem ser discutidos ao longo da tese e com o auxílio de entrevistas e formulários. A metodologia utilizada inclui entrevistas gravadas com autores de diferentes perfis (Frederico Slonski, um poeta de rua, por exemplo, justaposto a Rafael Gallo, romancista ganhador dos prêmios José Saramago, São Paulo e SESC). Tal escolha pretende analisar como editais, prêmios e outras

movimentações externas impactam a trajetória de um autor, ou seja, o conteúdo, formato e vias de publicação e divulgação dos seus livros. As entrevistas com esses sujeitos foram feitas a partir de encontros que aconteceram remota ou pessoalmente, gravadas e transcritas. Mais dados foram coletados a partir de formulários que continham as mesmas perguntas feitas aos entrevistados sem perfil delineado. Essas questões foram divulgadas de forma esparsa, buscando abranger escritores com todo tipo de experiência e em qualquer lugar do país. Outra maneira de discutir e compreender melhor o desamparo no processo criativo foi criar uma Oficina de Escrita Literária, cuja pretensão inicial foi de viabilizar livros de escritores ainda não publicados ou reconhecidos, ajudando-os a achar maneiras de lidar com o próprio desamparo, escutando-os e tentando entender o seu próprio processo de emancipação. Essa primeira Oficina Literária foi aberta ao público e ministrada na Casa Pagu, em Londrina, resultando em dez livros físicos produzidos artesanalmente e em formato digital. Depois de passarem pela Oficina, os escritores responderão ao formulário utilizado anteriormente, já que ele contém uma parte dedicada aos participantes do curso. Desta forma, utilizando formulários, leituras de editais, entrevistas e encadeando com as teorias utilizadas, é possível averiguar quais os impactos das políticas públicas de cultura no processo criativo, entendendo também como esse momento de escrita é complexo, afetado pelas subjetividades e escolhas políticas do autor. O primeiro capítulo deste trabalho pretende discutir o que é o desamparo e amparo, levando em conta o processo de formulação dessas palavras, muito utilizadas em textos de ordem psicanalítica. É importante diferenciá-los da angústia e demonstrar quais são as especificidades colocadas por Safatle (2020) em relação ao tema. O segundo, por sua vez, pretende responder à questão: qual é o efeito dessas instituições no processo criativo dos autores? É neste capítulo que se utilizará as entrevistas e formulários entregues, sempre em encadeamento com a teoria. Por fim, o terceiro capítulo tratará do tema das comunidades leitoras e escritoras que se formam durante os processos de escrita e divulgação de livros: eventos, saraus, clubes de leitura e coletivos poéticos que tentam encontrar maneiras de lidar em conjunto com o desamparo do processo criativo. Espera-se que, assim, a criação de um trabalho que revele nas políticas públicas de cultura um dispositivo de desamparo e amparo, já que, às vezes, provê capital para selecionados, mas nem sempre acompanha o escritor em seus processos, focando principalmente na entrega do produto final, por vezes sem levar em conta os afetos presentes na política. Assim, é importante avaliar também quais são as maneiras de fazer literatura e publicá-la que não necessariamente dependam do Estado, mas da emancipação dos sujeitos por meio do esforço coletivo.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos:** corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- _____. **Maneiras de transformar mundos:** Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

**POR UMA POÉTICA DA SERESTA NO PANORAMA DA CANÇÃO URBANA
BRASILEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Felipe Ziliotto Recaman (mestrando)
Prof. Drº Luiz Carlos Santos Simon (orientador)
3º Semestre - Previsão: Maio de 2024

O presente projeto tem como objetivo analisar as canções de seresta, propor uma definição do gênero e apresentar o que poderia ser entendido como uma poética seresteira, a fim de dar lugar a esse fenômeno no rol dos estudos literários envolvendo a canção brasileira. Isso se faz necessário tendo em vista que, dentre os estudos da canção enquanto objeto literário, na academia brasileira, pouco (ou quase nada) se produziu com fins de compreender esse gênero musical – o que mais se aproximaria de nossa proposta é um artigo de Mendonça (2018), que trata mais da performance do que do texto seresteiro em si. Além disso, busca-se investigar a manutenção de uma cultura seresteira e de seu possível impacto na produção geral do cantor nacional nas manifestações que existem (e resistem) nesse tipo de produção. Como pode ser visto em Costa e Recaman (2021), é possível definir seresta como a canção urbana sentimentalmente afetada, transposta dos encontros de serenata realizados pelos músicos populares para os discos de vinil e para o ambiente do rádio. Essa tradição da serenata, longamente comentada por Tinhorão (1998) e por Mário de Andrade (1989), diante da realidade dos novos meios de comunicação de massa originados nas primeiras décadas do século XX, nomeadamente o rádio e o disco de vinil, passa a ser adaptada para se adequar à nova realidade urbana, com o crescimento das cidades, e acaba instrumentalizada por esses novos meios, transformada em produto, posto que extremamente popular, tanto pela indústria fonográfica quanto pelas incipientes emissoras de rádio do Rio de Janeiro (Tinhorão, 2014). Em relação às transformações da cidade, Jacob do Bandolim, de acordo com sua biografia (Silva Júnior, 2020), já nos dá um indicativo de que tipo de processos ocorriam; segundo o músico, a urbanização desenfreada mataria a cultura do choro e da seresta. Apesar de não ter morrido, a seresta acabou transformada, num processo muito similar ao que comenta Benjamin, segundo quem, em relação ao ator de cinema (e no nosso caso o mesmo vale para o cantor atuante no rádio e no disco) ocorria um processo de alienação. Não mais atuando em frente ao público, atuava em frente a um aparato técnico (seja a câmera, seja o gravador sonoro) e esse processo gera um apagamento tão grave que, nas palavras de Benjamin “Com a representação do homem pelo aparelho, a autoalienação humana encontrou uma aplicação altamente criadora.” (1987, p. 180). Essa alteração na forma de produzir e acessar o produto poético-musical que nos propomos a estudar traz consigo uma série de consequências tanto líricas quanto musicais. A mais evidente delas, e foco da presente pesquisa, pode ser vista nas letras das canções. Se antes encontrávamos uma amada pessoalizada e real, agora temos um cantor cujo objeto foi transformado em genérico e isso pode ser vislumbrado, por exemplo, num dos discos mais representativos do repertório seresteiro “O eterno seresteiro”, de Orlando Silva, em que o texto declaratório dá lugar a canções com maior abordagem temática: o amor, a desilusão, o pertencimento à terra, o ser-músico. De modo mais acentuado, em produção mais moderna, o disco “Serestando”, de João Macacão (2008), apresenta uma gama ainda maior de variedade temática. Essa variedade, longe de descaracterizar a seresta, amplia sua definição – indo do sentimentalismo amoroso para uma espécie de saudosismo de uma forma de amar passadista, ou seja, identificada em partes com o *fin amour* trovadoresco e adaptada a uma nova forma de estar na sociedade brasileira originada do processo de urbanização e industrialização ocorridos nas primeiras quatro décadas do século XX. Passa-se, desse modo,

do amor a uma pessoa propriamente dita, mesmo que idealizada, a um amor também pelas coisas, como a terra (Guacyra), a origem regional (Cabeça chata), o instrumento artístico (Meu companheiro). Essa maior abordagem temática, como já explicitado por Tinhorão (2014), não é inocente, mas tem como objetivo permitir uma maior aproximação do cantor (transformado pelo rádio em estrela – na época termo conhecido como 'cartaz') e permitir uma maior ligação entre o ouvinte e o astro, uma simulação de intimidade. Em se tratando de seresta, isso é extremamente necessário para não haver uma desconexão total entre as origens afetivas da serenata e a transformação de todo esse fenômeno lítero-musical em seresta. Em relação ao texto musical, é consenso que, no início, estava intimamente imbricado ao modo de tocar do choro, dos músicos populares da época. Desse modo, como apontado por Mario de Andrade (1964 e 1989), a formação prototípica de um conjunto de choro, violão, cavaquinho e flauta, também se apresenta como a formação ideal para a serenata (logo, para a seresta), pois são instrumentos que podem ser levados pelas ruas até debaixo das janelas da pessoa homenageada pelos cantares. Na seresta em si, isso se mantém e pode ser identificado pelo fato de que os músicos que gravaram os discos representativos do gênero são os mesmos que acompanhavam os instrumentistas de choro e cantores de samba. Basta observar que o referido disco de Orlando Silva foi acompanhado pelo conjunto Época de Ouro, à época composto pelos músicos mais requisitados para gravações. Desse modo, confluem as letras sentimentalmente afetadas com a música 'chorada', plangente dos conjuntos regionais, amalgamando em texto e em matéria musical uma forma de cantar amor em que o registro grave dos violões em contracanto (conhecidos como violões de baixaria) dialoga com o conteúdo lírico. Também confluí para isso o fato de que tradicionalmente não existem seresteiras mulheres, fato que apenas se moderniza com a criação do grupo Trovadores urbanos. Tudo isso pode ser identificado como uma forma de manutenção das características tradicionais da seresta-serenata, que vai se adequando a novas configurações sociais e artísticas do Brasil no século XX, dentre elas, a identificação, nos objetos mais recentes de nossa análise, de sambas propriamente ditos e uma grande abertura de repertório por parte de determinados seresteiros contemporâneos. Para esta análise, discutimos na dissertação as interfaces entre literatura e música, analisamos o repertório consagrado em discos de grande relevância para o gênero, e coletamos manifestações contemporâneas da seresta e de seu repertório. Em relação aos objetivos não cumpridos ainda, estamos na fase de identificar a existência (ou não) de novos compositores que poderiam ser enquadrados como seresteiros, porém, no momento, só encontramos mantenedores mais ou menos próximos da tradição sem contribuições novas para o fenômeno (Conjunto Choro e seresta, Seresta Moderna, Trovadores urbanos). Esperamos no trabalho identificar essa poética e, partindo dela, investigar fenômenos das manifestações mais recentes, com enfoque principal na produção de indivíduos mantenedores do gênero, principalmente sob um viés da poética da cultura popular.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. **Modinhas Imperiais**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

_____ **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DE SOUZA, Valéria Gomes. **A seresta e a serenata nas cidades de Conservatória e**

Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2010. 218.

COSTA, Ronald Ferreira da; RECAMAN, Felipe Ziliotto. **Muito além da serenata: a seresta como pervivência da lírica trovadoresca.** Estação Literária, Londrina, v. 28, 1, p. 100 - 118, jul./dez., 2021.

FALBO, C. V. R. **A palavra em movimento: algumas perspectivas teóricas para a análise de canções no âmbito da música popular.** Per Musi, Belo Horizonte, n.22, 2010, p.218-231.

FALCÃO, Gina Cavalcante. **Seresta e Salão: circulação, encontros e desencontros. Abordagem comparativa dos tipos de modinha na produção escrita literária e musical.** 2019. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação Musical) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.27.2019.tde-26122019-120642. Acesso em: 2021-10-11.

MENDONÇA, T. B. P. de. **Manifesto seresteiro, seresteiro manifesto e um roteiro para a performance de um cancionheiro.** Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 100–111, 2018.

_____. **Pequeno manual de como fazer uma seresta ou elementos para a definição de uma seresta ideal-típica.** Plural Pluriel, v. 1, p. 1, 2017.

SANTORO, Peri. **Retomando a Seresta: uma poética e uma estética da vida seresteira.** Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2003.

_____. **A hermenêutica da performance musical: uma poética da interpretação da obra de arte.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. 2011.

SILVA, Carolina Pinto da. **Memória e espaço: a experiência dos músicos seresteiros na cidade de Rio Claro-SP.** 2011. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121174>>.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **Um coração que chora:** Jacob do Bandolim. 1a Ed. São Paulo: Noir. 2020.

TATIT, Luiz. **O cancionista:** composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: os sons que vem da rua.** Rio de Janeiro: Edições Tinhorão: 1976.

_____. **Pequena história da música popular.** São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

_____. **História social da música popular brasileira.** São Paulo: 34, 1998.

_____. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV.** São Paulo: 34, 2014.

LITERATURA MENOS CANÔNICA E MASCULINIDADES EM A EMPAREDADA DA RUA NOVA, DE CARNEIRO VILELA

Horácio Vich Toledo Ramos (Mestrando)
Dr. Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)
3º semestre – Previsão de defesa: jul./2024

Em decorrência de uma constante preferência dada a certos autores para a produção de trabalhos como esse, um dos objetivos desse estudo seria trazer atenção a um autor menos conhecido ao cânone literário, em um esforço por descobrir obras esquecidas e trazer luz a perspectivas que ainda não ganharam a devida atenção. Para fazer isso, esse projeto possui uma verdadeira etapa de descobrimento, na qual tanto o autor quanto sua obra são investigados dentro de diversas obras de história da literatura brasileira, de forma a compreender qual a extensão das visões já recebidas por essa obra. Para isso, consultaram-se diversos autores historiadores da literatura como Massaud Moisés, com sua coleção *História da Literatura Brasileira* (2019); seu *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira* (2014); A *História Concisa da Literatura Brasileira* (2017), de Alfredo Bosi; a *História da Literatura Brasileira: da Carta de Cunha aos Contemporâneos* (2022), de Carlos Nejar; *História da Literatura Brasileira* (2004), de Luciana Stegagno-Picchio; a coleção *A literatura no Brasil* (2023), de Afrânio Coutinho; além de outra coleção do mesmo autor *Encyclopédia de Literatura Brasileira* (2001). Pretende-se que outros autores também sejam colocados na lista de observação, para conseguir o maior espaço amostral possível para atestar a importância dada tanto à obra quanto ao autor. Além desse lugar reservado a engrandecer o entendimento de obras ditas “menos canônicas”, o trabalho reserva grande parte de sua atenção ao estudo das masculinidades observadas na(s) narrativa(s) analisada(s). Sendo uma área já pouco conhecida por si só e ainda menos na área de literatura, pretende-se fazer uma introdução a esse ramo dos estudos de gênero que por vezes cai em infâmia. Trata-se de um estudo voltado para a compreensão e à observação das representações de homens na sociedade e através da história, algo que acaba por englobar as representações encontradas na literatura. Essa compreensão se dá no âmbito de perceber as mudanças ocorridas nas masculinidades através do tempo, em uma busca por modificar integralmente a percepção que se dá de tudo aquilo voltado para a esfera do masculino, não só englobando manifestações heteronormativas e hegemônicas – que, aliás, adquirem um tom muito mais crítico, que tende a apontar a pequenez do “macho” e de todos os ritos que envolvem sua perpetuação no poder –, como se dá quando se pensa na representação do homem dentro dos estudos de gênero, mas também outras manifestações menos comumente estudadas, configurando um espaço de estudo que prevê a inclusão de uma maior gama de representação dos homens, nesse caso, dentro da literatura. O estudo das masculinidades dentro da literatura não se dá há tanto tempo quanto se imagina, com autores definidores dessa área de estudo surgindo apenas dentro das últimas décadas deste século. No Brasil, mais recentemente ainda, em se pensar que um artigo importante para a área como *Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil*, de Luiz Carlos Santos Simon, orientador deste trabalho, foi publicado somente em 2016, e que estudos de mestrado e doutorado sobre o assunto também só surgiram por aqui no decorrer da última década. Para o entendimento completo da área, buscam-se autores tanto brasileiros como estrangeiros, obras teóricas que envolvem as masculinidades nos dias de hoje e no decorrer da história. Assim, uma autora como Raewyn Connell, com sua extensa obra dedicada ao assunto – *Masculinities* (1995), *The Men and the Boys* (2000) e *Gênero em*

Termos Reais (2016), por exemplo – aparece como uma das principais referências. Além de autores como Sócrates Nolasco, com *O Mito da Masculinidade* (1993) e *A Desconstrução do Masculino* (1995), brasileiro voltado ao assunto; Mônica Raíssa Schpun, com seu compêndio de artigos *Masculinidades* (2004), na qual também aparece importante autora sobre o assunto, Lia Zanotta Machado; Daniel Welzer-Lang, com *A Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia* (2001); a *História da Virilidade Vol. II: o Triunfo da Virilidade: o século XIX* (2013), organizado por Alain Corbin, e, da mesma coleção, *História da Virilidade Vol. III: a Virilidade em Crise?: Séculos XX-XXI* (2013), organizado por Jean-Jacques Courtine; e, como exemplo de um autor que também tem foco no estudo das masculinidades na literatura, tem-se Peter F. Murphy, com *Fictions of Masculinity: crossing cultures, crossing sexualities* (1994). Enfim, trata-se de uma área de estudo em constante crescimento e mudança que, de início, se alimentou dos estudos feministas e agora ganha seu próprio espaço dentro dos estudos de gênero, sendo exatamente por ser essa novidade que novas perspectivas estão sempre se formando. Este estudo, portanto, irá focar no autor pernambucano Carneiro Vilela, a princípio com sua obra *A Emparedada da Rua Nova*, com data de publicação contestável, porém normalmente colocada como tendo sido em 1886, originalmente. Diz-se “a princípio”, pois ainda serão revistas das ouras obras do autor, uma vez que esse projeto passou por uma revisão importante muito recentemente. Anteriormente, o trabalho com obras menos canônicas e representações das masculinidades aconteceria com as obras de Plínio Salgado, porém, no último mês, em conversas com o orientador, preferiu-se mudar completamente o rumo deste estudo em vistas de buscar uma obra na qual se pudessem observar essas representações com mais facilidade, configurando um ambiente mais fértil para as discussões a respeito do assunto. Algumas das temáticas a respeito das masculinidades que poderão ser trabalhadas levando em conta o romance serão: a paternidade, em especial a relação entre pai e filha; a forma como o status social influencia na forma como o homem age para conservar sua postura; o homem e sua gana pelo dinheiro; a relação entre marido e mulher em uma família burguesa do século XIX, entre outros. A escolha do romance descrito anteriormente também abre diversas portas para serem trabalhados outros assuntos em potencial, como: o histórico do chamado “romance policial”, no Brasil, uma vez que o romance pode se configurar como sendo pertencente a este gênero; o histórico social da cidade de Recife, romance onde a história acontece; o papel da mulher dentro da história etc. Por ter sido uma mudança brusca e recente, ainda se buscam melhores referências sobre os temas listados acima, porém o romance se prova um ótimo campo para exploração.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. Berkeley: University of California Press, 2000.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.
- CORBIN, Alain. (Org.). **História da virilidade vol. 2: o triunfo da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade vol. 3: a virilidade em crise?**. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Global, 2023.

SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume II: do realismo à Belle Epoque**. 3. ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2019.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2014.

MURPHY, Peter F. (Ed.). **Fictions of masculinity: crossing cultures, crossing sexualities**. New York: New York University Press, 1994.

NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Noeses, 2022.

NOLASCO, Sócrates. (Org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SCHPUN, Mônica Raissa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004.

SIMON, Luiz Carlos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. **Estação Literária**. vol. 16, 2016.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

VILELA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Recife: CEPE Editora, 2013.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, 2001.

O DESCOBRIMENTO DO CORPO EM *LAVOURA ARCAICA*

Maria Luiza Navarro Martins (Mestrado)
 Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)
 3º semestre - Previsão de defesa: 2024/2

O presente trabalho investiga a presença do corpo no romance *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, valendo-se de aproximações entre estudos performáticos, intermidiáticos e teoria literária. Uma pequena fração do estudo objetiva apresentar o ex-escritor Raduan Nassar trilhando um caminho diferente de abordagens revisionistas da biografia e bibliografia já executadas por outros trabalhos: é proposta uma reflexão em torno da construção de um personagem-autor. Considerando que o escritor, apesar de ser tratado como recluso, apresenta-se publicamente em uma série de entrevistas, busca-se associar de que forma ele utiliza sua máscara autoral em declarações públicas, somada a sua ausência-presença na literatura brasileira contemporânea, sua postura antiliterária e seu abandono da escrita (Castello, 1999). Além disso, indaga-se como a figura do autor participa de uma máquina performática (Aguilar; Câmara, 2013) na medida em que a performance deste autor-personagem é margeada por sua obra. Já a parcela de maior fôlego parte da fortuna crítica da obra nassariana, incluindo textos a respeito da novela *Um copo de cólera* (1978) e da antologia *Menina a caminho e outros textos* (1997), que privilegiam estudos que tangenciam ou abordam o corpo, seja nos âmbitos temático ou formal, bem como intersemióticos - visto a transposição de narrativas nassarianas para o cinema -, que inspiram o desenvolvimento do trabalho, sobretudo por apontarem o corpo como dimensão potencial para análise da obra nassariana. São exemplos as publicações de Tânia Pellegrini (1999), Andréia Delmaschio (2004), Miguel Heitor Braga Vieira (2007), Wanessa Gonçalves Silva (2017), Estevão Azevedo (2019) e Elijames Moraes dos Santos (2021). Considerando o corpo e palavra signos interligados, orientando-se pelos pressupostos teóricos de Irina Rajewsky (2012) sobre a intermidialidade, realiza-se uma leitura operada pela presença do corpo e sua performatividade no romance de Nassar. Para Rajewsky (2012), em sentido amplo, a intermidialidade abarca fenômenos em que há o cruzamento de fronteiras entre mídias. Tratando-se de *Lavoura arcaica*, o corpo é considerado um signo, um veículo significante (Peirce, 2000), em interação entre a performance e a literatura a partir de referências intermediáticas (Rajewsky, 2012), isto é, o empréstimo de técnicas e meios do sistema performativo pela literatura, especificamente do corpo em performance, evocado por uma estrutura e por modos que rememoram a outra mídia. Para os estudos da performance, especificamente da arte performática, Jorge Glusberg (2013) de um modo geral, define que a performance lida com o discurso do corpo. Em Glusberg (2013), o corpo é matéria de trabalho primordial cuja manipulação por meio dos comportamentos, gestos, adornos e indumentárias, provocam novas formas expressivas, sejam universais ou identitárias, íntimas ou coletivas. Portanto, o corpo enquanto dispositivo discursivo, quando mediado pela palavra, pode exceder os limites do signo verbal e suscitar uma presença visual e sensorial. A leitura feita do corpo pressupõe a visualização da dinâmica dos corpos que em *Lavoura arcaica* é orquestrada pela perspectiva do narrador-protagonista, André. Os corpos são analisados a partir da cisão da estrutura familiar da narrativa, organizada por uma hierarquia definida pela palavra patriarcal, sendo dividida entre o "galho do pai", apresentando os corpos apolíneos, iluminados, limpos e racionais, e o "galho da mãe", com os corpos dionisíacos, exasperados, apaixonados, eróticos e doentes. Nesse contexto, André, nutrido pelo desejo de liberdade e por seu amor pela irmã mais nova, Ana, em contraposição à "lavoura ilustrada" do pai, anseia

edificar sua “lavoura dos corpos”, isto é, em oposição à abstração da palavra paterna, o personagem insurge a concretude do corpo (Rodrigues, 2006). Diante disso, comprehende-se que os movimentos de fragmentação e reconfiguração do corpo do protagonista é um dispositivo de subversão de interditos e de discursos inclusive que regulam a categoria corpo. A transgressão é tópico importante para o estudo, pois como apontam os pressupostos filosóficos de Georges Bataille (1987; 2013), está intimamente relacionada ao corpo dada sua manifestação por meio do erótica, por meio do acesso à intimidade e à escatologia dos corpos que transtornam os interditos e formas reguladores da vida social. Nesse sentido, os supracitados estudos de Vieira (2007) e Moraes (2021) são especiais para este trabalho por abordarem a transgressão no romance de Nassar. Neste curso, o discurso transgressor de André, preenchido de corpo, é fragmentado e recomposto em figurações, imagens e sentidos potenciais da própria corporeidade ao longo da narrativa, transitando por feições monstruosas, patológicas, eróticas, simbióticas com o natural, assim como em continuidade ou descontinuidade com o corpo coletivo da família, dentre outras possibilidades aptas de surgirem no percurso da análise. A fim de subsidiar o exame do corpo plural e em movimento, elencam-se as reflexões de Eliane Robert Moraes (2012) sobre os processos de fragmentação do corpo humano nas artes plásticas e literatura de vanguarda. Pretende-se ainda analisar os corpos de outros personagens, como de Ana e da matriarca. Além disso, trabalha-se com a hipótese de que André é também um narrador-performer, como o autor e ator de sua insubordinada e hedônica *mise-en-scène*, que não apenas contorna os espaços ao redor, mas o espaço do próprio corpo, suas sensações, recomposições e contornos, na medida em que sua palavra é acompanhada de uma corporeidade que discursa. Diante disso, considerando o sistema opositivo entre luz e sombra, razão e paixão, respeito e subversão, a descoberta do corpo - dinâmico, desejante e múltiplo - e do seu discurso e performance, representam um mecanismo transgressor da palavra patriarcal. A fim de desenvolver o trabalho, dividem-se as discussões e análises em três capítulos: I) apresentação do autor a partir do personagem-autor e a fortuna crítica que inspira o estudo do corpo no romance; II) análise da presença do corpo na narrativa introduzindo as bases teóricas interdisciplinares como a intermidialidade, performance e literatura que permitem compreender o corpo como um signo no texto literário. Além disso, o capítulo ocupa-se da percepção dos corpos dos membros familiares do romance, em especial do narrador-protagonista, André, bem como ponderar a respeito do corpo em performance como dispositivo de expressão e transgressão em sua “lavoura do corpo” (Rodrigues, 2006); e III) desenvolver a hipótese de André configurar um narrador-performer e identificar, discorrer e compreender os efeitos de sentido das diferentes feições apresentadas do seu corpo e de outros personagens. Por fim, o estudo pretende contribuir para a fortuna crítica nassariana tratando o corpo como instância formal, temática e performativa do texto. A intenção de investigar o corpo em *Lavoura arcaica* vinculada à performance não pretende exaurir a proposta, assim como a leitura realizada é encarada como uma dentre as possíveis.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR, Gonzalo; CÂMARA, Mario. **A máquina performática**: a literatura no campo experimental. Tradução de Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- AZEVEDO, Estevão. **O corpo erótico das palavras**: um estudo sobre a obra de Raduan Nassar. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BATAILLE, Georges. A noção de dispêndio. In: BATAILLE, Georges. **A parte maldita, precedida de a noção de dispêndio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 19-28.

CASTELLO, José. Raduan Nassar: atrás da máscara. In: CASTELLO, José. **Inventário das sombras**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 174-188.

DELMASCHIO, Andréia. **Entre o palco e o porão**: uma leitura de Um copo de cólera, de Raduan Nassar. São Paulo: Annablume, 2004.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução de Renato Cohen. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**: a decomposição da figura humana de Lautrémont a Bataille. São Paulo: Iluminuras, 2012.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 1999.

RAJEWSKY, Irina. Intermidialidade, intertextualidade e “remediação”. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 15-45.

RODRIGUES, André. Luís. **Ritos da paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Elijah Moraes dos. **Corpo, linguagem e transgressão em Lavoura arcaica**. 2021. 264f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

SILVA, Wanessa Gonçalves. **Tradução e mediação**: o corpo em Lavoura arcaica de Raduan Nassar e de Luiz Fernando Carvalho. 2017. 272 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **As obrigações da ordem e os chamados do desejo**: a transgressão na obra de Raduan Nassar. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA, “A POESIA OCUPANDO O ESPAÇO”: A POÉTICA CONTRACULTURAL DE GUILHERME MANDARO

Patrícia Marcondes de Barros (Doutorado)

Frederico Garcia Fernandes (Orientador)

7º semestre – Previsão de defesa: abr./2024

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a linguagem poética, inserida no contexto histórico e linguístico, pode ser considerada um gesto de resistência e subversão ao sistema instituído. Especificamente, trataremos da literatura marginal produzida na década de 1970 no Brasil, através da análise da poética contracultural de Guilherme Mandaro (1952-1979), bem como de suas colaborações com outros poetas que apresentaram uma nova concepção de literatura ao utilizar o mimeógrafo em suas produções impressas e incluir performances na poesia, como observado na formação do coletivo poético *Nuvem Cigana* (1972-1980). A possibilidade do mimeógrafo como técnica artesanal barateou o preço dos livros e desobrigou seus poetas a passarem pelo crivo das grandes editoras que, geralmente, não tinham interesse neste tipo de “literatura menor”, como comumente era avaliada pelos críticos literários. Tereza Cabanas (2005), ao discutir a desconstrução dos conceitos pelos poetas marginais e a necessidade de mudanças na crítica literária para abranger essa nova expressão, defende que a falta de distinção entre arte e vida é a base da originalidade dessas poéticas, mas também causa preocupação para a crítica literária, especialmente quando se tenta prever suas possíveis consequências. Cabanas (2005) sugere que isso representa uma crise hermenêutica, um momento em que as ferramentas analíticas, interpretativas e avaliativas não conseguem captar completamente as maneiras sensíveis de uma época. Essa conjuntura revela a riqueza do momento em que elementos antes inexistentes ou “sufocados” emergem, trazendo novas exigências ao discurso crítico. Somente após a publicação de *26 Poetas Hoje* (1975), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda, é que a literatura marginal recebeu reconhecimento acadêmico e crítico. Ela se interessou pela poesia marginal por ser uma das poucas formas artísticas que ainda funcionava com relativa liberdade e conseguia reunir pessoas em lançamentos e performances. No entanto, sua chegada à universidade enfrentou desafios, uma vez que professores e críticos a consideravam não literária. A poesia marginal, também conhecida como “poesia independente”, “pós-tropicalista” e “poesia jovem”, surgiu em resposta à necessidade de liberdade de expressão e autonomia, buscando criar seu próprio modo de vida. O termo “marginal” não se refere especificamente a uma classe social marginalizada, como é demarcado atualmente, mas sim aos meios de produção utilizados e à sua concepção sempre situada nas margens dos cânones literários. O movimento emergiu na contramão das hierarquias e práticas sociais estabelecidas no âmbito da produção literária, buscando subverter as normas e romper as convenções tradicionais. Isso ocorreu em um contexto de grande atomização social na década de 1960, que ampliou os horizontes da arte em geral, descentralizando-a de antigos paradigmas. Para compreender a poética contracultural de Guilherme Mandaro, iniciamos nossa análise pelo contexto político e cultural em que sua poesia emergiu. É essencial destacar a relevância do movimento contracultural no Brasil, que ganhou força no final da década de 1960, introduzindo novos elementos culturais, políticos e sociais no panorama brasileiro. A influência desse movimento, notadamente através da lente da antropofagia oswaldiana praticada pelo Tropicalismo, teve um impacto significativo nas expressões culturais marginais, incluindo a literatura. Essa literatura resistiu e ressurgiu em um momento marcado pelo endurecimento da ditadura militar no país, com a implementação do AI-5, e pela crescente polarização ideológica. No

segundo capítulo, aprofundamos a discussão sobre a importância das publicações alternativas em mimeógrafo e a formação de coletivos poéticos durante a década de 1970, como um desdobramento da ideia de comunidade artística. Destacamos como essas iniciativas desempenharam um papel crucial na promoção da livre expressão em um período político conturbado. Focamos, em particular, na experiência de Guilherme Mandaro no coletivo *Nuvem Cigana* e em sua participação na criação do *Almanaque Biotônico Vitalidade* (1976-1977). Essa revista, que reuniu o trabalho de poetas, artistas gráficos e fotógrafos, se apresentou como uma verdadeira panaceia contra a repressão cultural da ditadura militar. Em sua "bula", o Almanaque prescrevia: "Contra o irremediável" e "Contra aqueles que propõem a morte como única forma de vida" (COHN, 2007, p. 3). A publicação, que funcionava como porta-voz das ideias desse grupo de jovens, foi idealizada por Claudio Lobato, um dos editores, capista e ilustrador. Investigamos a ideia modernista de arte coletiva e ativismo, que concebia a arte como uma forma de envolvimento político e social. Além disso, exploramos o papel da oralidade e da performance na poesia desse período. No terceiro capítulo, nos dedicamos a oferecer uma visão mais profunda e completa do "poeta-historiador" Guilherme Mandaro. Isso é feito por meio da coleta de registros biográficos, incluindo entrevistas, documentários, vídeos e artigos produzidos por Mandaro. No entanto, é importante ressaltar que nossa pesquisa enfrentou desafios devido à sua morte prematura em 1979, resultando em uma escassez de informações disponíveis sobre sua vida. Mesmo assim, conseguimos compilar depoimentos de amigos próximos e pesquisadores que não deixaram passar despercebido seu papel crucial na poesia marginal. Mandaro desempenhou um papel significativo, tanto em sua participação ativa no coletivo *Nuvem Cigana* quanto como produtor dos primeiros livros mimeografados, tais como *Travessa Bertalha* (1971), de Charles Peixoto, e *Muito Prazer, Ricardo* (1971) de Ricardo Chacal, além de suas contribuições como poeta. De acordo com o poeta Ronaldo Santos: "foi Guilherme Mandaro quem inventou a poesia mimeografada", enfatizando sua iniciativa pioneira na produção dos primeiros livros independentes. Essa abordagem não apenas permitiu uma maior liberdade de expressão, mas também solidificou sua importância no movimento de jovens poetas na busca por autonomia e inovação literária. No último capítulo, nos aprofundamos na poética contracultural de Mandaro, levando em consideração o universo multifacetado do poema e sua relação com o contexto histórico em que foi produzido. Buscamos compreender sua poesia em seus significados políticos e estéticos, o que implica em novas possibilidades de reflexão sobre o que é poesia, visto que a análise de sua produção não pode se limitar apenas à sua forma, mas deve considerar sua situação de uso e os significados que emergem a partir dela. Selecionei cuidadosamente alguns poemas do autor e examinamos como eles refletem elementos sociais habilmente articulados no interior do texto. Para isso, consideramos uma variedade de aspectos, incluindo o uso da linguagem, as rimas, o ritmo, elementos visuais e outros recursos literários. Além disso, analisamos como esses elementos funcionam em conjunto para transmitir os significados subjacentes e contextualizar a produção poética de Mandaro no cenário político e social da época. Esta abordagem nos permite uma compreensão mais profunda e rica da obra do poeta, indo além da superfície textual para desvendar suas complexas conexões com a realidade social e política. Suas influências poéticas como: o modernismo brasileiro, a poesia concreta, a contracultura norte-americana, o rock, o carnaval e o samba carioca, o psicodelismo e o existencialismo, entre outras possibilidades, são apresentados nesta tessitura entre o estético e o político que envolveu parte da juventude carioca atrelada ao ideário da contracultura no contexto da ditadura militar. Utilizando-se de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, traçamos nesta análise um panorama da breve e intensa existência do poeta, com sua participação no coletivo *Nuvem Cigana* (1972-1980) e suas obras poéticas *Hotel de Deus* (1976) e *Trem da noite* (1979). "As histórias, travessias, desastres e paixões", como expressa em sua poesia,

entremeiam a contingência histórica da ditadura militar e as “transas” da contracultura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, André Luís de. Poética brasileña contemporánea: de la poesía marginal hacia la poesía divergente. **Calígrafo**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 5-20, 2018.
- BARROS, Patrícia; ROST, Isis (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.
- BARROS, Patrícia Marcondes de; GODOY, Maria Carolina; GUERRA, Paula. “Visões à margem e além mar”: A Literatura Marginal Brasileira na perspectiva de Heloísa Buarque de Hollanda e de Francisco Topa. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 7-14, maio/ago.2020.
- BOSI, Viviana. **Poesia em risco** – itinerários para aportar nos anos 1970 e além. São Paulo, Editora 34, 2021.
- BRAGA, Regina Estela. **Imprensa Alternativa**: apogeu, queda e novos caminhos. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Cadernos da Comunicação: série Memória, 2005.
- BRITO, Antônio Carlos de (Cacaso). **Não quero prosa**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- CABAÑAS, Teresa. A poesia marginal brasileira uma experiência da diferença. Artifara. **Revista de lenguas y literaturas ibéricas y latino-americanas**. Dipartimento di Scienze Letterarie e Filologiche. n. 5, 2005.
- CHACAL, Ricardo. **Posto 9**: um pedaço de mau caminho. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1998.
- CHACAL, Ricardo. **Uma história à margem**. 7 letras. Rio de Janeiro, 2010.
- CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- CHIAMPI, Irlemar (Org.). **Fundadores da modernidade**. São Paulo: Ática, 1991.
- COHEN, Jean. **A plenitude da linguagem** (Teoria da Poeticidade). Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- COHN, Sérgio. **Poesia & Delírio no Rio dos anos 70**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- DUFRENNE, Mikel. **O Poético**. Trad. de Luiz Arthur Nunes e Reasylvia Kroeff de Souza. Porto Alegre (RS): Editora Globo, 1969.
- FERNANDES, Frederico; LEITE, Eudes Fernando. **Trânsitos da voz** – estudos de oralidade e literatura. EDUEL, 2012.

GONÇALVES, Daniel José. **O desbunde como manifestação política: a identidade de gênero na obra de Ana Cristina Cesar.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 24/09/2008.

GUERRA, P.; DE GODOY, M. C.; DE BARROS, P. M. “Visões à Margem e além-mar”: a literatura marginal brasileira na perspectiva de Heloísa Buarque de Hollanda e de Francisco Topa. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. e25503, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i2.25503. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25503>. Acesso em: 13 nov. 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **26 poetas hoje**. Editora Labor, Rio de Janeiro, 1975.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960/1970**. Rio de Janeiro: Rocco, 1980.

MANDARO, Guilherme. **Hotel de Deus**. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1976.

MANDARO, Guilherme. **Trem da noite**. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1979.

MELLO, I. M. A. perspectiva antropofágica dos processos criativos. In: ENCONTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM CULTURA, 17., 2021, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2021.

MELLO, Ivan Maia de. Montaigne, Oswald de Andrade e a descolonização antropofágica. **Das Questões**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37253>. Acesso em: 13 nov. 2021.

NETO, Torquato; Waly; (Org). Plantamiento de cuestiones. **Navilouca**. Rio de Janeiro. Ed. Gernasa, 1974.

NETO, Torquato. Não está na hora de transar derrotas. Ocupar espaço, amigo, eu digo: pelas brechas, é por elas. **Revista Pólem**. Rio de Janeiro, no. 1, p.9, set./out.,1974.

NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária - **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. **Jeito de corpo**: desbunde como resistência político-poética. **Anais do XV Encontro ABRALIC**. Rio de Janeiro, 19 a 23 de setembro de 2016, UERJ, Rio de Janeiro.

PEÇANHA, Dóris Lieth Nunes. **Movimento beat**: rebeldia de uma geração. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1988.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Ritmo e Poesia**. Rio de Janeiro: organização Simões, 1955.

SALGUEIRO, Wilberth. **A primazia do poema**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

SILVA, Domingos Carvalho da. **Uma teoria do poema**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

XAVIER, Raul. **Vocabulário de poesia**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: INL, 1978.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEDA 2023.2

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

1º SEMINÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL

6 a 8 de dezembro / 2023



PPGL

Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

